

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANDREA DESIDERIO

QUALIDADE DE VIDA E GINÁSTICA GERAL:
possíveis aproximações

Campinas
2009

ANDREA DESIDERIO

QUALIDADE DE VIDA E GINÁSTICA GERAL:
possíveis aproximações

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física, Área de Concentração Atividade Física, Adaptação e Saúde.

Gustavo Luís Gutierrez
Orientador

Campinas
2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M18e	<p>Desiderio, Andrea. Qualidade de vida e ginástica geral: possíveis aproximações / Andréa Desiderio. -- Campinas, SP: [s.n], 2009.</p> <p>Orientador: Gustavo Luis Gutierrez. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.</p> <p>1. Qualidade de vida. 2. Ginástica. I. Gutierrez, Gustavo Luis. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p>
------	---

Título em inglês: Quality of life and general gymnastic: possible approaches.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Quality of life; Gymnastic.

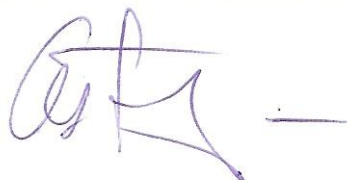
Banca Examinadora: Eliana Ayoub; Gustavo Luis Gutierrez; Roberto Vilarta.

Data da defesa: 26/02/2009.

ANDREA DESIDERIO


**QUALIDADE DE VIDA E GINÁSTICA GERAL:
possíveis aproximações**

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado defendida por Andrea
Desiderio e aprovada pela Comissão julgadora
em: 26/02/09



Gustavo Luís Gutierrez
Orientador

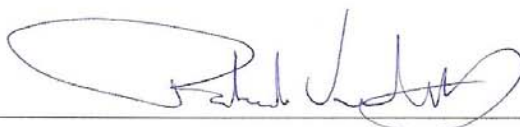
Campinas
2009

COMISSÃO JULGADORA

Gustavo Luís Gutierrez
Orientador



Professora Doutora Eliana Ayoub



Professor Doutor Roberto Vilarta

Dedicatória

Dedico este trabalho à pessoa mais importante da minha vida: Maria Aparecida Desiderio!

*“Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta*

*Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida....”*

(Milton Nascimento e Fernando Brant - 1978)

Agradecimentos

À minha mãe, por ser tudo na minha vida, por mostrar da forma mais doce como deve ser uma relação. Por me ter feito forte!

À minha irmã e ao meu cunhado, por todo financiamento anterior e por todo o orgulho que demonstram ter de mim.

À minha prima Rapha, por estar sempre do meu lado, mesmo distante, por não desistir de me enviar e-mails, mesmo sem resposta, por demonstrar o seu amor por mim e por tudo mais que não me lembro agora. Amo-te.

Ao meu avô, por ser um grande exemplo de ser humano.

À Nina, por orientar minha vida em muitos momentos e por me colocar sempre em seus projetos.

Ao Vitor, pelo apoio, por estar sempre lá, por tudo.

À Beth por todas as vezes que me lançou e por outras que certamente virão.

Ao Gustavo, meu orientador, por ter me dado essa oportunidade, por ter aguardado meu tempo, por ter aceitado a ginástica.

Ao GGU por ser minha fonte eterna de inspiração.

Ao Luciano Truzzi pelos socorros de urgência, pelas assessorias via internet e por ser meu amigo.

À todos os amigos de GGU, de hoje e sempre que dividem comigo as melhores sensações que tenho no palco, nas discussões, nas “coisas” da ginástica.

Aos que estiveram presentes na minha defesa e no Bar da Cochinha, agradeço pelo apoio.

À todos aqueles que ouviram devaneios da minha pessoa neste tempo de elaboração.

Não é o ângulo reto que me atrai
nem a linha reta, dura, inflexível,
criada pelo homem.
O que me atrai é a curva livre e sensual,
a curva que encontro nas montanhas
do meu país,
no curso sinuoso dos seus rios,
nas ondas do mar,
no corpo da mulher preferida.
De curvas é feito todo o universo,
o universo curvo de Einstein.

(Niemayer, Oscar)¹

¹ Ver www.museuoscarniemeyer.org.br/permanentes.htm

DESIDERIO, Andrea. Qualidade de vida e ginástica geral: possíveis aproximações. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a qualidade de vida, suas definições, visões, certezas e incertezas, sua história construída a partir da saúde e muito além dela, seus mecanismos de validação e possíveis encontros com a área da educação física. Com o intuito desta aproximação escolhemos a ginástica geral como prática corporal que na atualidade pode, ou não, ser promotora de qualidade de vida. A tal ginástica geral apresenta-se como prática corporal específica e focalizada no indivíduo pertencente a um grupo e também como espetáculo, como arte, arte corporal. Também buscamos informações históricas para entendermos a ginástica geral que temos hoje, vimos o que se é realizado sob esta nomenclatura e projetamos algumas aproximações entre estes dois universos, a qualidade de vida e a ginástica geral. A pesquisa partiu sempre do enfoque social, tendo na história uma grande base. Para tanto esta se caracteriza por uma pesquisa qualitativa que utilizou os seguintes métodos para sua realização: revisão bibliográfica, a fim de conhecer e problematizar as relações entre os objetos; análise dos depoimentos de 13 ginastas de ginástica geral presentes na pesquisa de Souza (1997), com base na análise de discurso de Bardin (1977) e, pesquisa de campo com visitas a diferentes grupos de ginástica geral. O documento de avaliação de qualidade de vida produzido pela Organização Mundial de Saúde serviu de base para a criação de itens de análise dos depoimentos pesquisados, assim como, para as visitas de observação aos grupos. Definições de qualidade de vida, atuais e fundamentadas no social, e de ginástica geral com esta mesma perspectiva deram o diferencial do olhar para tal problemática. Esta pesquisa justifica-se por apresentar uma forma de ginástica, contemporânea e de vanguarda, que corrobora com definições de qualidade de vida ampliadas, podendo ser uma prática corporal muito mais significativa.

Palavras-Chaves: Qualidade de Vida; Ginástica Geral; Ginástica..

DESIDERIO, Andrea. **Quality of life and General Gymnastic: possible approaches.** 2009. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, 2009.

ABSTRACT

The current job talks about Quality of Life, its definitions, an overall view, certainties and uncertainties, its history built from health and far beyond it, its validity mechanisms and enforcement in the physical activity reality. For such consideration the General Gymnastic has been chosen as a corporal practice which might be responsible for Quality of Life nowadays. Such General Gymnastic introduces itself as a specific corporal practice that is focused on the individual belonging to a group and mainly as a show, as art itself and body art. We've also searched for historical information as well, in order to understand the General Gymnastic existing nowadays, we've kept an eye on what is done under this term and projected some approaches between these two distinct universes, Quality of Life and General Gymnastic. The research has always started by the social focusing, having a great basis in history. Nevertheless, this one characterizes by a qualitative research which has used the following methods for its realization: bibliographical review, in order to recognize and take the relationships among the objects as a problem, analyze the statements of 13 general gymnastic gymnasts present in Souza's research (1997), based on Bardin's (1972) deposition content analysis and also having field trips, visiting several different general gymnastic groups. The quality of Life evaluation document made by the World Health Organization (WHO) has been the basis for the creation of the items checked like the statements previously analyzed, as well as the field trips to the groups. Current Quality of Life definitions based on the social and the General Gymnastic with the same perspective have given the different point of view for such problem. This study justifies by introducing a new kind of gymnastic, contemporary and vanguard, which is in accordance with extended Quality of Life definitions, being also a more significant corporal practice.

Keywords: Quality of Life; General Gymnastic; Gymnastic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
 CAPÍTULO 1 – QUALIDADE DE VIDA	 23
1.1 – Qualidade de vida - definições restritas e ampliadas	30
1.2 - O instrumento da Organização Mundial de Saúde	40
 CAPÍTULO 2 – GINÁSTICA GERAL – QUALIDADE DE VIDA NA GINÁSTICA	 45
2.1 - História da ginástica	47
2.2 – Ginástica Geral – Qualidade de Vida na Ginástica	66
2.3 – A Ginástica Geral para o Grupo Ginástico Unicamp	76
 CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	 79
3.1 - Parte 1 – Análise de conteúdo dos depoimentos	81
3.1.1 - Unidades de registro	84
3.1.2 – Categorização	88
3.1.3 – Síntese das unidades de registro por categoria	89
3.2 - Parte 2 - Observações dos grupos selecionados	92
3.2.1 – Grupo 1 – Programa Ame a Vida sem drogas – FEAC	94
3.2.2 – Grupo 2 – Escola de ginástica de Espírito Santo do Pinhal	96
3.2.3 – Grupo 3 – APAE de Mogi Mirim	99
3.3 - Discussão dos dados	100
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 107
REFERÊNCIAS	111

1 Introdução

A ginástica estava em minha vida antes mesmo d'eu estar nela, por desejos de meus pais em que eu fosse parecida com a inesquecível Nádya Comanecchi, um ano antes de meu nascimento. Então há 31 anos e alguns meses estou na ginástica, porém, na prática cotidiana, há apenas 26. Vinte e seis anos dedicados a algo que não é nem meu mesmo, nem filho, nem mãe. Algo que faço por escolha, não desde sempre, mas desde o sempre que a independência me proporcionou. Escolhi a ginástica dentre tantos esportes que pratiquei na escola, nem tantos assim, pois sou fruto de uma educação física esportivizada, lá no início dessa onda.

A performance gímnica me arrebatou aos 5 anos de idade e não me larga até hoje. Adoro isso, mesmo tendo uma herança dolorosa. Fiz ginástica artística, na época olímpica, por 12 anos e agora, há 10 anos, pratico ginástica geral. Da ginástica herdei uma coluna torta, mesmo com uma postura reta, uma flexibilidade invejável, mesmo com a inflexibilidade histórica desse movimento, uma força muscular e muitas quedas, herdei também uma carreira profissional, sou professora e pesquisadora na área corporal, especificamente na área da ginástica.

Passei por diversas fases na vida junto à ginástica. Amei, odiei, vivi por ela, me afastei. Tentei por vezes me distanciar de verdade, e foi em vão. Atualmente com outras informações e formações decidi olhá-la com outros olhos, o de pesquisadora, de questionadora, de crítica, de cientista. Agora vou até o fim, desconstruir, para reconstruir, para entender.

Como podem imaginar, falar sobre ginástica parecia tarefa fácil para mim, afinal é tanto envolvimento, tanta paixão, tanta entrega, porém, foi difícil. Aqui, nesta pesquisa, não busco falar da minha experiência com a ginástica, muito pelo contrário, aquela nem apareceu no texto adiante, busco mostrar que há espaço nessa retidão para algo poético, algo maleável.

A entrada no programa de pós-graduação *stricto sensu* se deu com um projeto diferente deste, com a similaridade de tratarem de qualidade de vida, entretanto o projeto inicial versava sobre responsabilidade social, algo que me agrada muito e que pretendo continuar, porém não é ainda parte significativa em mim como a ginástica.

Esta pesquisa busca aproximar dois universos não muito próximos nas catalogações científicas, mas que no fazer corporal, ou para melhor entendimento, na “prática”,

estão deveras unidos, a qualidade de vida e a ginástica geral. As definições de qualidade de vida são muitas e, dentre tantas, escolhemos as que ampliam seu conceito de pensá-la como algo que vai além da questão saúde como ausência de doença, mas que observa o indivíduo e suas relações no mundo e com ele, que valoriza diversas instancias da vida das pessoas. Para encontrar essas aproximações entendemos a ginástica geral como prática corporal que pode possibilitar um olhar pedagógico, no decorrer dos encontros dos grupos de prática, e também propiciar a socialização entre seus participantes, nesta perspectiva, este tipo de prática corporal pode ser bastante interessante ao desenvolvimento da qualidade de vida das pessoas envolvidas.

Encontramos algumas definições de ginástica geral que diferenciam-se devido aos seus objetivos, porém optamos nesta pesquisa trabalhar com as definições que também possibilitem a ampliação de conceitos.

Falar que “atividade física é saúde” já não está tanto em vigor, já causa diferentes olhares, questionamentos, indignações.

Valendo-nos desse espaço, esta pesquisa justifica-se cientificamente por mostrar uma nova possibilidade de aproximação entre duas áreas distantes, já que atualmente não se encontram muitos estudos com esta relação, pois, tanto a qualidade de vida quanto a ginástica são, na maioria das vezes, observadas apenas pelo olhar da saúde. Pelo aspecto social, a justificativa seria devido ao valor no cenário educativo que essa pesquisa possa vir a ter, observa-se um olhar humano nesta aproximação. Pessoalmente, devido a meu grande envolvimento e conhecimento da ginástica geral, acredito nesta prática quando ela é focada no participante, não individualmente, mas como parte do todo, possuindo a mesma voz, sem hierarquias. Uma ginástica de um coletivo participante e atuante, que busque manter o foco de sua ação pedagógica no praticante.

Para tanto esta se caracteriza por uma pesquisa qualitativa que utilizou os seguintes métodos para sua realização: revisão bibliográfica a fim de conhecer e problematizar as relações entre os objetos, pesquisa de campo e para a análise de dados utilizamos a proposta de análise de discurso de Bardin (1977).

Após esta breve apresentação encontramos o capítulo que versa sobre a qualidade de vida, para a confecção deste nos valem da pesquisa bibliográfica com o intuito de reunir, conhecer e analisar publicações existentes sobre o assunto. Apresentamos algumas definições e suas mudanças ao longo da história e o que temos hoje para a sua avaliação;

apresentamos algumas definições restritas e outras ampliadas acerca da qualidade de vida e encontramos no texto de Minayo et al (2000) a possibilidade de conversa com a área da ginástica.

Da mesma forma, pesquisando em fontes publicadas, organizamos o próximo capítulo “Ginástica Geral, qualidade de vida na ginástica”. Neste capítulo, os relatos históricos foram fundamentais para criarmos uma imagem da ginástica, como área de conhecimento, e da ginástica geral, como prática corporal que valorize o ser humano praticante, possibilitando, em diferentes contextos, a participação de todos os envolvidos, em suas criações, decisões e escolhas. Essa ginástica geral focada em uma abordagem pedagógica é "ampliada" e extrapola o conceito apenas de ginástica e, além disso, pode também ser promotora de qualidade de vida.

No capítulo 3, apresentamos os resultados das duas partes da pesquisa que tiveram como base de observação e análise o questionário, que avalia qualidade de vida, produzido pela Organização Mundial da Saúde - WHOQOL-100. A primeira parte da pesquisa foi a análise dos depoimentos encontrados na pesquisa de Souza (1997). Tivemos acesso, à íntegra dos depoimentos de 13 ginastas (11 mulheres e 2 homens) pertencentes ao Grupo Ginástico Unicamp na década de 1990. Todos os depoentes eram professores de educação física, com idades entre 23 e 30 anos e que vivenciaram a ginástica geral por no mínimo 2 anos.² Para a análise desses depoimentos utilizamos o método de análise de conteúdo de Bardin (1977).

A segunda parte da pesquisa refere-se às visitas a diferentes grupos de ginástica geral selecionados previamente. Iniciamos com uma lista de grupos de ginástica geral com potencial para a visita. Essa lista restringiu-se a grupos que realizam seus ensaios e treinos na cidade de Campinas e região metropolitana. Devido ao tempo e profundidade pretendida nas análises o número de grupos restringiu-se a 3. Os grupos foram os seguintes: oficina de ginástica geral do programa *Ame a Vida sem Drogas*, a Escola de Ginástica da Faculdade de Educação Física da UNIPINHAL e o Grupo de dança e ginástica geral da APAE de Mogi Mirim. Os integrantes desses grupos tinham idade entre 3 e 17 anos e totalizaram 134 pessoas. Para essas visitas foi construído um objeto de observação composto por itens presentes no WHOQOL – 100 e que definimos como possíveis deflagradores de nosso objetivo. Foram observados os seguintes aspectos: aspectos ambientais (relacionados ao ambiente onde se realiza a prática, local, sonoridade/barulho, aparência estética e limpeza); aspectos sociais (relacionados às relações sociais estabelecidas, aproximações, auxílios, alegria etc); aspectos sobre segurança física e

² Informações retiradas de SOUZA (1997)

proteção (consciência corporal, aquisição de habilidades, organização do ambiente, integridade física); aspectos de cuidados com a saúde (orientações sobre segurança física, cuidado pós trauma); aspectos relacionados à aquisição de novas informações e habilidades (como esse processo ocorre, trocas de conhecimento) e aspectos relacionados a imagem corporal e aparência física (características corporais dos participantes, vestimentas). Compondo esse objeto de observação construímos dois quadros baseados na escala de Likert, um com as opções: muito presente, presente e ausente e o outro quadro com: muito adequado, adequado e inadequado.

Nas considerações finais apresentamos nossos olhares sobre as possíveis aproximações entre a QV e a GG. Finalizamos satisfeitos com este encontro pois ao escolhermos uma definição ampliada de QV conseguimos mostrar, de forma ainda embrionária, que a ginástica geral pode ser uma prática corporal capaz de influenciar na percepção de qualidade de vida dos seus praticantes. Identificamos uma variável importante para a afirmação anterior: as escolhas do professor. Acreditamos também ter sido fundamental o conhecimento anterior, sobre ginástica geral, da pesquisadora. Com isso pudemos encontrar nuances importantes para a pesquisa.

Algumas das aproximações, possíveis, entre GG e QV foram aqui realizadas e apresentadas, isto fez-nos observar que existem outras, com outros ângulos de olhares. Certamente este diálogo é possível e tem um longo caminho a percorrer.

Capítulo 1

Qualidade de Vida

Escrever sobre qualidade de vida (QV) nos dias de hoje pode parecer tarefa bastante simples, devido ao grande número de publicações a respeito do assunto, todavia, ao mesmo tempo em que essa quantidade pode vir a auxiliar às pesquisas, pode também confundir a busca pela conceituação do fenômeno. O ambiente acadêmico apresenta definições, diretas e outras difusas, acordando com linhas de pesquisas e principalmente com o interesse de seus pesquisadores, muitas vezes interesses que vão além do profissional.

Decidimos por diferentes fontes de pesquisa, valorizando tanto a bibliográfica quanto a eletrônica e, além dessas fontes científicas, decidimos estar atentos a explicações do senso comum e também descrever vivências possivelmente interessantes envolvendo a qualidade de vida.

Para mapearmos algumas relações que são feitas com a qualidade de vida partimos para a pesquisa eletrônica em um dos maiores sites de busca conhecido no Brasil, no qual foram encontrados mais de um milhão de itens que versam sobre o assunto qualidade de vida. Nele pudemos observar a “grandeza” de tal temática e conhecer a “força” da qualidade de vida no saber empírico. Também foi grande o número de obras encontradas nas bibliotecas das três maiores universidades públicas do país (Unicamp, USP e Unesp), cerca de quatro mil títulos, com variedades no mínimo interessantes. Apresentamos a seguir alguns dos temas encontrados na língua portuguesa: qualidade de vida e aspectos psicológicos, qualidade de vida e cidade, qualidade de vida e sociedade, qualidade de vida e economia, qualidade de vida e meio ambiente, qualidade de vida e políticas públicas, “Qualidade de Vida dos Softwares”, qualidade de vida e ciência, entre outros. Na língua inglesa a relação entre temas diversos e qualidade de vida também ocorre com frequência e há grande número de publicações relacionadas à saúde. Comprova-se assim a amplitude do tema e a abrangência de sua utilização.

Com essa busca, pretendia-se conhecer e, de certa forma, reconhecer a abrangência deste tema na atualidade, contudo não buscamos nos aprofundar em cada item especificamente, nem tão pouco nas diferentes relações que apresentam com a QV.

Durante a busca por referências, por autores da área que realmente nos interessavam e que seriam nosso ponto de conversa e reflexão, entre decisões de linhas de pensamento, foi bastante recorrente a questão dos textos iniciados por explicações diretas sobre o que QV pode vir a significar. Alguns autores previamente selecionados nos apresentaram fatores diversos e, em certos momentos distintos, que poderiam compor o grande leque de itens que

dariam conta de expressar o conceito real que, no início do século XXI, buscamos para QV. Algumas dessas definições chegam a ser ainda mais dispersivas do que o próprio tema.

Devido principalmente a estes fatores possibilitaremos neste texto, ao leitor, uma aproximação com diferentes autores e linhas de pensamento a respeito da QV quando relacionada direta ou indiretamente às práticas corporais, especificamente na área de conhecimento ginástica, área certamente importante para a melhoria da QV da população em geral.

Quando utilizada fora do ambiente acadêmico, no senso comum, a qualidade de vida normalmente vem atrelada a apenas um dos conhecimentos que, cientificamente, a ela se agregam, por exemplo: “melhore sua saúde e tenha mais qualidade de vida”. A saúde é um dos fatores mais presentes nesta área, proporcionando grandes reflexões com a relação direta entre saúde x qualidade de vida. Quando a QV é atrelada ao acúmulo de capital como em alguns slogans do tipo “more no condomínio ‘tal’ e aumente sua qualidade de vida” a saúde já não está presente. Uma questão bastante presente atualmente é a relacionada às práticas holísticas que, para alguns podem contribuir para a melhoria na qualidade de vida de forma mais abrangente. O tema está tão presente no cotidiano das pessoas onde, propagandas, em diferentes meios de comunicação, garantem que o consumo de certos produtos aumentará a qualidade de vida das pessoas.

Para Gutierrez (2004, p.165) “isso é decorrente de uma característica importante do objeto de pesquisa Qualidade de Vida, normalmente referida como multidisciplinar, e que está presente também em outros temas atuais, como a ecologia e o lazer”.

A preocupação com a ecologia vem sendo, nos últimos 15 anos, tema bastante recorrente nas políticas nacionais e internacionais, na mídia televisiva e também impressa. Sua relação direta com a qualidade de vida ocorre de inúmeros fomas, já assinalando outro caminho, que não o diretamente ligado à saúde, que a QV transita.

Há relação entre meio ambiente e QV, entre sustentabilidade e QV, no resgate da chamada permacultura, nos tratados assinados em prol dessa ecologia, no Protocolo de Kyoto, na Agenda 21 e, certamente, em diversas ações locais encabeçadas pela sociedade civil. A World Commission on Environment and Development (Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento) da Organização das Nações Unidas (ONU) publicou no ano de 1987, em seu

relatório intitulado “Our Common Future³”, a definição para o desenvolvimento sustentável como sendo “desenvolvimento que atende as necessidades da geração presente sem comprometer as possibilidades das futuras gerações de satisfazerem as suas necessidades” (UN, 1987).

Este documento marcou o início da real preocupação com a utilização dos recursos naturais, não somente elencando problemas, mas sugerindo ações que viessem a melhorar a qualidade de vida das pessoas e que garantissem a sustentabilidade. A partir dele, em 1992, após a II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como a Rio-92 ou Eco-92, os países membros da ONU aprovaram a Agenda 21. Tal documento, composto por 800 páginas e aprovado por 179 países, consiste em um “plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que ação humana impacta o meio ambiente.” (BRASIL, 2008).

A Agenda 21 pode ser considerada um marco também na questão relacionada ao *empowerment* da sociedade civil atual, pois desde sua criação ela busca ser resultado de um esforço coletivo e intersetorial, aproximando sociedade civil e poder público pelo ideário da melhoria da QV e, para tanto, fortalece a participação do indivíduo dentro do todo.

Outro documento que ganhou bastante espaço na mídia foi o Protocolo de Kyoto, que assim como a Agenda 21, foi resultado de pesquisas durante alguns anos onde a idéia central foi apresentada na Rio-92, sendo, de fato, oficialmente integrado ao programa de mudanças dos 141 países assinantes em 16 de fevereiro de 2005. Este documento versa especificamente sobre a emissão dos gases responsáveis pelo efeito estufa.

Com estas observações podemos notar a comprovação pela busca da melhoria de condições de vida para a população mundial de forma geral, inicialmente com forte ligação aos cuidados e deveres em relação ao meio ambiente, e mostrando que nos últimos 20 anos, pelo menos, a QV amplia seu olhar e incorpora realmente outras áreas. A presença da QV nas discussões em torno do tema sustentabilidade ocorre na forma de utilização racional dos recursos naturais, sendo que quanto melhor utilizado for este patrimônio ecológico, mesmo sendo a partir de hoje, melhor será a QV dos indivíduos de hoje e das gerações futuras.

Além de estar presente e se fortalecendo como ponto de discussão na área da ecologia, a QV também se relaciona com outra área distinta, o lazer. Ao buscarmos questões que

³ “Nosso futuro comum” – tradução da autora.

façam esse tipo de relação, ou que farão futuramente, encontramos desde supostas definições contemporâneas, até similaridades históricas. Tanto a QV quanto o lazer são formas de manifestação cultural, portanto, são resultados de mudanças ocorridas nessa cultura. Por seguirem essas mudanças sociais no decorrer de seu tempo, passaram por questões relacionadas à revolução industrial, período onde o fenômeno lazer ganha força como sendo o “não-trabalho”, e no qual a QV como “condição de vida” torna-se espaço de reflexão para possíveis mudanças comportamentais, até uma relação direta entre a qualidade do lazer vivenciado ser diretamente proporcional a maior qualidade de vida do indivíduo ou da sociedade em questão.

O aprofundamento, que torna a QV e o lazer objetos de pesquisa com certa similaridade em relação aos aspectos de suas supostas definições, pode ser pensado em relação ao “prazer”, corroborando com a idéia de Gutierrez (2001, p.13) de que “O prazer é uma categoria fundamental para a pesquisa do objeto lazer. Não existe lazer sem a expectativa de realizar alguma forma de prazer. Isto é justamente o que lhe confere especificidade e o distingue de outras atividades sociais”.

A QV, entendida como construção individual ou coletiva, também possui o prazer como um de seus componentes, mesmo que implicitamente ou como resultado secundário de suas buscas. A cada adaptação e melhoria o ser humano, em diferentes âmbitos da vida, sente algum tipo de prazer com os resultados previamente planejados.

Pensemos na QV com definição restrita à área da saúde. Certamente um indivíduo que está no estado de paciente, modificando o quadro clínico para melhor, sentirá prazer com essa mudança de estado de saúde. Com a definição ampliada sobre a QV podemos exemplificar essa relação, entre QV e a busca pelo prazer, quando o indivíduo pode tomar decisões políticas importantes para sua comunidade, quando este conquista autonomia para tarefas que anteriormente foram ditadas por outrem.

Embora definido fortemente pelo jogo social, político e econômico mais amplo, ainda assim a possibilidade de vir efetivamente a se sentir prazer numa atividade de lazer é pessoal. E sendo assim pessoal, será influenciada pelo conjunto de experiências vivenciadas individualmente, que compõem e caracterizam a dimensão psicológica de cada pessoa. (GUTIERREZ, 2000, p.105).

Outro aspecto que aproxima o lazer e a QV é o discurso da subjetividade, seja ela por interpretações coletivas ou individuais, nas tentativas de definições científicas tanto de um quanto do outro. O lazer e a QV podem ser observados por este enfoque, o da subjetividade, já

que suas definições perpassam por ela. Sendo assim para tentarmos explicar a QV buscamos em uma definição de lazer algumas informações. Para Gutierrez (2001, p.64) “as manifestações de lazer são particularmente importantes para estudar a vida humana em sociedade, destacando significados que nem sempre são tão claros ao eleger-se outro objeto.”

Possivelmente, nessa perspectiva, a Organização Mundial de Saúde (OMS), quando investiu na formação de um grupo específico para definir QV e, posteriormente desenvolveu um importante questionário para avaliar a QV da população em geral, apresentou em seu indicador de QV, denominado WHOQOL 100 (World Health Organization Quality of Life 100) uma questão especificamente sobre lazer. A questão “21” do “domínio V” versa sobre a utilização do tempo de lazer que as pessoas devem possuir, questionando a existência de momentos do “não-trabalho” e a real possibilidade em usufruí-lo. No decorrer desta pesquisa aprofundaremos as apresentações sobre outros indicadores de qualidade de vida e daremos maior ênfase ao WHOQOL.

Assim como diversos conceitos que atravessam os tempos com suas definições, ou que são apresentados como constituintes de nossa sociedade, é difícil apresentar com exatidão se a expressão QV nasceu primeiramente no âmbito acadêmico, ou no senso comum. Sabe-se que existem relatos, relacionados à saúde, que aparecem desde o século XVIII e XIX com o advento da medicina social (MINAYO et al, 2000 p.9). Outros termos foram aparecendo nesses relatos históricos, principalmente na área da saúde, como possíveis sinônimos do que hoje abordamos como sendo QV, termos como condições de vida, estilo de vida, situação de vida.

Em pesquisa de Lovisolo (2000), encontramos que a idéia de qualidade de vida é ainda bem mais antiga, meados do século XVI e início do século XVII quando Comênio, publicou na obra *Didática Magna* a vinculação “saúde, higiene e educação no sentido de estabelecer fundamentos para o prolongamento da vida”. Na citada obra “identificamos um movimento pela saúde, pela qualidade de vida, e os problemas e riscos decorrentes dos excessos cometidos contra o corpo.”

Enquanto Lavoisier defendia que “na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, é bem interessante interpretar que na atual circunstância o que cabe bem é a moral da história do seguinte ditado popular “nada se cria, tudo se copia”, e sendo assim a QV, é na realidade, uma nova roupagem a antigas explicações, seguindo as mudanças sociais de seu tempo. A cada novo ciclo histórico, seja pré-histórica, idade média, era moderna, pós-moderna ou

contemporânea, tanto na ciência, na religião, quanto na política e em outras construções culturais, os temas de discussões são praticamente os mesmos, o que muda são os ângulos de observação de seus estudiosos, mudam-se as teses, os métodos, mas o objeto permanece.

Iniciamos então um agrupamento de definições que foram encontradas a respeito do objeto de pesquisa em questão, a QV. Devido a tão vasto campo de definições e abrangência Farquhar (1995) citado por Seidl e Zannon (2004, p.582) apresenta uma revisão da literatura a respeito do termo QV, até o início da década de 90. Após esta larga busca o autor propõe a taxonomia apresentada no quadro a seguir, buscando ilustrar com clareza as definições de QV, suas mudanças de acordo com o momento histórico, posteriores concretizações e uma pequena comparação entre tais diferenças.

Quadro 1 – Taxonomia da qualidade de vida

Taxonomia	Características e implicações das definições
Definição global	Primeiras definições que aparecem na literatura. Predominam até meados da década de 80. Muito gerais, não abordam possíveis dimensões do construto. Não há operacionalização do conceito. Tendem a centrar-se apenas em avaliação de satisfação/insatisfação com a vida.
Definição com base em componentes	Definições baseadas em componentes que surgem nos anos 80. Inicia-se o fracionamento do conceito global em vários componentes ou dimensões. Iniciam-se a priorização de estudos empíricos e a operacionalização do conceito.
Definição focalizada	Definições que valorizam componentes específicos, em geral voltados para habilidades funcionais ou de saúde. Ênfase em aspectos empíricos e operacionais. Desenvolvem-se instrumentos diversos de avaliação da qualidade de vida para pessoas acometidas por diferentes agravos.
Definição combinada	Definições incorporam aspectos dos Tipos II e III: favorecem aspectos do conceito em termos globais e abrangem diversas dimensões que compõem o construto. Ênfase em aspectos empíricos e operacionais. Desenvolvem-se instrumentos de avaliação global e fatorial.

Fonte - Farquhar (1995) citado por Seidl e Zannon (2004, p.582).

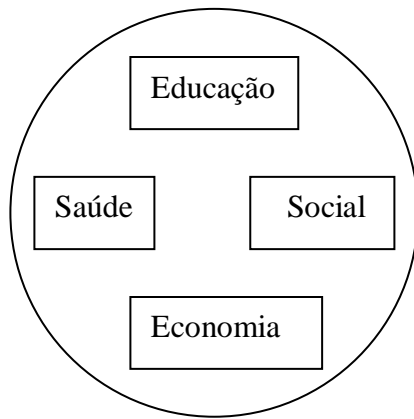
Importantes mudanças podem ser notadas neste quadro sobre a conceituação para QV, a mistura entre conceitos científicos e populares é clara na primeira definição e em seguida observa-se aumento da complexidade na definição de QV.

O quadro é formulado de acordo com a transformação histórica a respeito das definições de QV que temos até o momento, e seguindo dados históricos, mudanças comportamentais, sociais, políticas e econômicas, novos conceitos são incorporados. Nota-se que a real valorização às mudanças da sociedade é iniciada nesta classificação a partir da década de 80, não cabendo nesta as discussões a respeito de QV, mesmo que utilizando sinônimos, que ocorreram antes deste período.

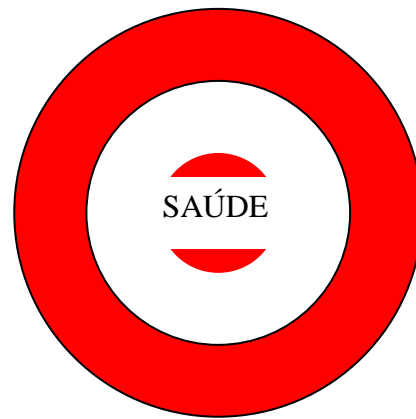
Voltemos ao quadro para aprofundarmos a questão relacionada aos instrumentos de avaliação da QV. A partir da definição focalizada, o autor apresenta informação a respeito da criação de instrumentos para medir QV, primeiramente focando o setor saúde/doença, atingindo população acometida por algum tipo de enfermidade, a partir daí surgem também instrumento para atingir população sadia, observando outros critérios e que retiram a questão saúde/doença do centro das discussões sobre QV.

1.1. Qualidade de vida - definições restritas e ampliadas

Relacionada ao campo da saúde, as pesquisas e publicações a respeito da Qualidade de Vida apresentam-se na sua grande maioria de duas maneiras bastante distintas: “a saúde como componente da QV”, assim como, aspectos econômicos, sociais, educacionais dentre outros, e “a saúde como interesse na QV”.(GONÇALVES e VILARTA, 2004, p. 7-9).



QV e a saúde como um de
seus componentes



QV e a saúde como
principal interesse

Com a QV como interesse do campo da saúde, pode-se perceber possível equívoco na utilização do termo, pois aparenta significar “quantidade” de vida, já que QV está diretamente relacionada ao estado de saúde do indivíduo, sendo assim, um paciente acometido por doença (grave ou não) não atingirá sua completa qualidade de vida.

Ao concordar que a saúde é o foco da QV adentra-se em um campo de definições chamadas por Minayo et al (2000, p.12) de “definições restritas e específicas”. No caso da ligação com o campo médico, na dicotomia saúde/doença, a expressão utilizada é qualidade de vida ligada à saúde (QVLS). Essa expressão foi definida por Auquier et al (1997) citado por Minayo et al (2000, p.12) como “o valor atribuído à vida, ponderado pelas deteriorações funcionais; as percepções e condições sociais que são induzidas pela doença, agravos, tratamentos; e a organização política e econômica do sistema”. Neste campo, os autores relatam como sendo conceitos fundamentais da QVLS “a percepção da saúde, as funções sociais, psicológicas e físicas, bem como os danos a elas relacionados, medidas de capacidade funcional, de redes de apoio social, de satisfação e estado de ânimo de pacientes” (GOLD et al., 1996; BOWLING, 1991 citado por MINAYO et al., 2000, p.12).

Os mesmos autores Minayo et al. (2000, p.13) classificam os indicadores, em relação ao campo de aplicação, como genéricos ou específicos. Os genéricos são “questionários de base populacional sem especificar patologias, sendo mais apropriados a estudos epidemiológicos, planejamento e avaliação do sistema saúde”, exemplos conhecidos são o

WHOQOL-100 e SF-36. Os específicos apresentam resultados, na sua maioria, relacionados a QV de indivíduos que foram acometidos por alguma doença e retomaram suas rotinas.

Dentre as definições ampliadas, nota-se que a QV relaciona-se com a saúde, assim como com qualquer outro componente que possa vir a alterá-la positiva ou negativamente, seu objeto de estudo vai além da questão saúde/doença, observada e mensurada objetivamente. Busca incorporar questões subjetivas e de certa forma de interpretações individuais, ela ultrapassa, no campo científico, a barreira que a mantinha como estudo da área médica, das ciências biológicas, passando a transitar também na área das ciências humanas. Essa ampliação pode ter ocorrido devido ao processo de desenvolvimento e “progresso” que a QV sofreu, ou somente por questões políticas relacionadas ao domínio de um campo de atuação sem definição de um grupo específico de referência, o grupo de elite.

Com esta ampliação conceitual a utilização do termo qualidade parece ter mais sentido, devido a intensidade, que necessariamente é resultado de ação humana (DEMO, 1994, p.11). Para o autor citado por Rocha et al (2000, p. 63):

Qualidade é de estilo cultural, mais do tecnológico; artístico, mais do que produtivo; lúdico, mais do que eficiente; sábio, mais do que científico. Diz respeito ao mundo tão tênue quanto vital da felicidade. Não se é feliz sem a esfera do ter, mas é principalmente uma questão de ser. Não é uma conquista de uma mina de ouro que nos faria ricos, mas sobretudo a conquista de nossas potencialidades próprias, de nossa capacidade de autodeterminação, do espaço da criação. É o exercício da competência política.

No campo científico não são poucas as áreas que se referem à QV, áreas que vão desde economia, sociologia, educação, artes, arquitetura, marketing transporte (engenharia), meio ambiente, até áreas da saúde como psicologia, farmácia, dentre outras (BOWLING; BRAZIER, 1995, p. 1337). Cada uma delas focalizando o mesmo objeto por diferentes ângulos, chegando a nenhum consenso para definição única, que atenda a todas as áreas. Mesmo assim a definição de QV perpassa caminhos e tem seus indicadores como possíveis instrumentos para este fim.

Na década de 70, a expressão é utilizada na área ecológica, com o crescimento dos movimentos ambientalistas. O termo não era exatamente QV, porém eram expressões que vem sendo agregadas semanticamente, ou seja, expressões unidas pelo sentido que possuem, como exemplo: condições de vida, situações de vida, estilo de vida. (MINAYO et al., 2000, p.9).

A escolha, na atualidade, pelo termo QV, em exclusão aos demais que buscam dizer a mesma coisa, deve tangenciar distintos setores com diferentes explicações, porém se pensarmos que a palavra qualidade, como nos mostra Demo (1994, p.11) “aponta para a dimensão da intensidade. Tem a ver com profundidade, perfeição, principalmente com participação e criação”, conseguiremos relacionar essa escolha as definições atuais e abrangentes que diferentes autores trazem sobre QV.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a QV deve ser definida levando-se em conta aspectos transculturais que possam refletir a busca por definição internacionalmente aceita e cabível. Essa definição partiu da necessidade de se construir um documento de avaliação da QV pela OMS, com isso o WHOQOL Group foi criado e define QV como:

[...] a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Este é um conceito abrangente, afetado de maneira complexa pela saúde física do indivíduo, estado psicológico, nível de dependência, relacionamento social e suas relações com fatores externos do meio onde vive. (THE WHOQOL GROUP, 1995, p. 1570).

Para Moreira (2001), a QV apresenta-se atualmente como um desafio, no qual o indivíduo preocupa-se com longevidade em detrimento a vida qualificada, alerta-nos em cinco questões relevantes para pensarmos QV nos dias de hoje. O primeiro alerta nos mostra que algumas práticas do passado em relação a QV e sua melhoria estão sendo negligenciadas e até mesmo esquecidas; o segundo alerta nos mostra que é equivocado pensarmos a QV cartesianamente, pois ela é algo complexo e assim deverá ser entendida; mudar nossa maneira de ver o mundo, o outro, mudar os valores de boa parte da população seria o terceiro alerta; o quarto relaciona-se com a mudança de valores em relação ao trabalho e ao não-trabalho e o último alerta recai sobre a “epistemologia da motricidade humana”.

Segundo Minayo et al. (2000, p.8):

Qualidade de Vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades

que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto uma construção social com a marca da relatividade cultural.

Além de definição bastante abrangente os autores incluem três referências fundamentais para relativizarmos essa definição:

O primeiro é histórico [...] determinado tempo de seu desenvolvimento econômico, social e tecnológico, uma sociedade específica tem um parâmetro de qualidade de vida diferente da mesma sociedade em outra etapa histórica. O segundo é cultural. Certamente, valores e necessidades são construídos e hierarquizados diferentemente pelos povos, revelando suas tradições. O terceiro aspecto se refere as estratificações ou classes sociais [...] sociedades em que as desigualdades são muito fortes mostram que os padrões e as concepções de bem-estar são também estratificados: a idéia de qualidade de vida está relacionada ao bem-estar das camadas superiores e à passagem de um limiar a outro. (MINAYO ET AL, 2000, p.9).

Pode-se interpretar a metáfora da qualidade de vida sempre como algo intrinsecamente bom, isso devido ao significado que a palavra “qualidade” carrega. Quando algo é de qualidade, não precisamos falar que ele é bom, pois do contrário falaríamos que a qualidade é ruim, porém o que trazemos em nosso imaginário a respeito de qualidade de vida é certamente um tipo ideal de vida, que não necessariamente será atingido pela maioria da população, muito pelo contrário.

Reunindo informações a cerca da Qualidade de Vida encontra-se a principal estratégia atual, mesmo que da década de 70, para que a população em geral atinja, ou melhore sua qualidade de vida, estamos falando da Promoção da Saúde.

Rufino Neto (1994) apud Minayo et al (2000, p.2) considera como:

[...] qualidade de vida boa ou excelente aquela que ofereça um mínimo de condições para que os indivíduos nela inseridos possam desenvolver o máximo de suas potencialidades, sejam elas estas: viver, sentir ou amar, trabalhar, produzindo bens e serviços, fazendo ciência ou artes.

O campo da saúde como foco principal da QV ou da saúde como um de seus componentes apresentam-se assim delimitados devido ao resultado de alguns instrumentos de avaliação da QV, os quais podem ser observados aspectos importantes que colocam a QV em

uma destas divisões. Seidl e Zannon (2004, p. 581) apresentam as seguintes informações de pesquisa que abrangeu as décadas de 30 a 90:

Costa Neto⁴, trabalhando a publicação Cummins, intitulada *Directory of Instruments to Measure Quality of Life and Correlate Areas*, publicada em 1998, identificou 446 instrumentos, no período de setenta anos. No entanto, 322 instrumentos identificados, [...] apareceram na literatura a partir dos anos 80.

Esse aumento na quantidade de instrumentos de avaliação da QV vem comprovar o aumento do interesse pelo tema em questão nos dias de hoje.

Os instrumentos, ou indicadores de QV, focalizam, muitas vezes, aspectos distintos para chegarem a seus resultados, e relacionam estes a aumento ou não de QV. Dentre esses instrumentos, vale alertar, pode-se encontrar também utilizações dos indicadores seguindo definições distintas, como por exemplo o WHOQOL-100 (World Health Organization Quality of Life Assessment), citado por Gonçalves e Vilarta (2004, p. 8) como indicador de QV utilizado quando a “Saúde é interesse na QV”, com ênfase biológica, já para Seidl e Zannon (2004, p.583) o mesmo instrumento é classificado como genérico, por avaliar a QV com “uma acepção mais ampla, aparentemente influenciada por estudos sociológicos, sem fazer referências a disfunções ou agravos”. Devido a divergências como a citada anteriormente decidimos apresentar uma relação de indicadores, sem classificá-los. Esse quadro é resultado de consulta a Gonçalves e Vilarta (2004); Minayo et al (2000); Seidl e Zannon (2004) e outras fontes. Buscamos mostrar a diversidade de conteúdos que se relacionam a QV e são assim avaliados.

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Saúde como componente.

O IDH, criado pelo economista paquistanês Mahbud ul Haq, e sendo uma das ações do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), teve como objetivo inicial contrapor outro indicador, o PIB (Produto Interno Bruto), pois defende que não somente os aspectos econômicos de uma população dão conta de mostrar sobre sua qualidade. Este índice relaciona três aspectos importantes: a educação, a saúde (longevidade) e a economia (poder de compra).

⁴ Costa Neto SB. “Qualidade de vida do portadores de câncer da cabeça e pescoço”. Tese de Doutorado. Brasília: Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília; 2002.

IDH – M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

Saúde como componente.

Este indicador é bastante semelhante ao IDH, pois utiliza os mesmos três aspectos (educação, saúde e economia) para a mensuração, porém adequa o índice a cada município que for aplicado.

ICV – Índice de Condições de Vida

Saúde como componente. Foi inspirado no IDH e desenvolvido pela Fundação

João Pinheiro. Composto de 20 indicadores divididos em 5 dimensões: Renda (com 5 indicadores), Educação (com cinco indicadores), Infância (Quatro indicadores), Habitação (quatro indicadores) e Longevidade (dois indicadores). (MINAYO et al, 2000).

IQV – Índice de Qualidade de Vida

Saúde como componente. Criado pelo Jornal Folha de São Paulo, atinge 9

fatores: trabalho, segurança, moradia, serviços de saúde, dinheiro, estudo, qualidade do ar, lazer e serviços de transporte. Existe também o IQV de Belo Horizonte para identificar carências setoriais. (MINAYO et al, 2000, p.12).

CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde.

Saúde como componente.

O autor alerta para a utilização tanto em população acometida por diferentes doenças, como em indivíduo saudável, assim como pode ser aplicada individual ou coletivamente. É um documento da OMS, e foi traduzida pelo Centro Brasileiro de Classificação de Doenças da Faculdade de Saúde Pública da USP, e publicada pela Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). Composta de duas grandes partes: 1) Funcionalidade com (a) funções e estruturas do corpo (b) atividades e participação e 2) Fatores contextuais com (a) fatores ambientais (b) fatores pessoais. (LAURENTI, 2003, p. 1).

IPRS – Índice Paulista de Responsabilidade Social

Saúde como componente.

Criado pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), a pedido da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, o IPRS avalia e busca redirecionamento dos recursos públicos para o desenvolvimento dos municípios paulistas (SEADE).

Índice de Deterioração da Vida

Saúde como componente.

Feito por epidemiologistas equatorianos, baseia-se em 4 componentes: habitação inadequada; deterioração da produção social; deterioração do consumo; deterioração de manifestações de saúde-enfermidade (GONÇALVES e VILARTA, 2004, p.13).

Índice de Sustentabilidade Ambiental

Saúde como componente.

Criado nas universidades de Yale e Colúmbia, é resultado da somatória de 20 indicadores, referente, a 68 variáveis de natureza ambiental, social e institucional (GONÇALVES e VILARTA, 2004, p.13).

Índices Genebrinos ou Distancial

Saúde como componente.

“Medem os resultados dos benefícios sociais alcançados por uma população admitindo o nível de vida desta como o estado atual das condições concretas de vida.” (SLIWANY, 1996 apud ROCHA et al 2000, p. 68).

Sistema de Vigilância de fatores de Risco

É um índice comportamental, estabelecido em 1984, que realiza um levantamento por telefone diretamente com adultos em risco de mortalidade e morbidade prematura (BIREME).

INS - Inquérito Nacional de Saúde

Saúde como interesse.

Este é um instrumento português de observação e medida em saúde que recolhe dados, gera estimativas sobre saúde, doença e determinantes e estuda a evolução destes (ONSA).

OHIP – Oral Health Impact Profile

Este indicador foi criado devido ao relacionamento entre doenças bucais e qualidade de vida. É um questionário que se utiliza da escala tipo Lickert contendo 7 dimensões com 49 itens. Este fornece “mensuração abrangente de disfunção, desconforto e incapacidade atribuída à condição bucal” (FERREIRA et al, 2004).

SF 36 - The Medical Outcome Study 36 Item Short Form Health Survey

Este é um indicador de qualidade de vida genérico. Tem a saúde como foco principal, estando presente em 2 domínios diretamente e nos outros indiretamente. Consiste em um questionário multidimensional, composto por 36 itens, com oito domínios: capacidade funcional, aspectos físicos, dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais, aspectos emocionais, saúde mental. Cada componente do SF-36 corresponde a um valor, que varia de zero a 100, onde zero corresponde ao pior e 100 ao melhor estado.

Medical Outcomes Study-HIV

É um indicador de qualidade de vida genérico para ser submetido a pacientes com HIV.

QALY – Quality-adjusted life-years

Este indicador foi criado para combinar a quantidade (expectativa de vida) e a qualidade dos anos de vida (qualidade de vida com saúde). Relaciona a expectativa de vida e a medida da qualidade de vida dos anos remanescentes.

DALYs

Este indicador combina dados de mortalidade (anos de vida perdidos por óbito precoce) com dados de morbilidade (grau e tempo de incapacidade devido a uma dada patologia). Cobre 4 domínios: procriação, ocupação, educação e recreação (ALMEIDA FILHO, 2000).

Coefficiente de Gini

O coeficiente de Gini serve para medir a desigualdade em qualquer tipo de distribuição, sendo muito utilizado na questão da distribuição de renda.

EORTC – Quality of Life Questionnaire for Câncer patients

Indicador específico para aplicação em pacientes com câncer. Busca medir o nível de qualidade de vida dessas pessoas. Já está traduzido e validado em 81 línguas.

SIP - Sickness Impact Profile

Este indicador mede o impacto da doença, tanto no aspecto físico como no emocional. O instrumento final contém 2 domínios (físico e psicosocial) divididos em 12 categorias diferentes a saber: comportamento emocional, corpo e movimento, comportamento social, sono e descanso, mobilidade, trabalho, recreação/lazer, organização do lar, comportamento alerta, comunicação e comida.

WHOQOL - World Health Organization Quality of Life Assessment

Este é o indicador de qualidade de vida produzido pela OMS. É composto por aspectos, chamados de facetas, agrupados em domínios distintos e abrangentes.

Apresentaremos agora um estudo mais aprofundado sobre este questionário já que identificamos, assim como no indicador SIP, espaço propício para a discussão com a área da educação física e futura reflexão a respeito das aproximações com a área da ginástica.

Para Minayo et al (2000, p.13) o WHOQOL-100 é um questionário “genérico” de base populacional, não estando diretamente ligado a pacientes e sim podendo certamente ser usado com pessoas que não tenham apresentado quadro patológico. É também indicado a estudos epidemiológicos, planejamento e avaliação do sistema saúde.

1.2. O instrumento da Organização Mundial de Saúde

O instrumento definitivo passou por muitas etapas antes de ser validado e mundialmente aceito, atingindo os objetivos inicialmente desejados. Em princípio, o objetivo da criação deste documento era construir um único instrumento que pudesse avaliar a QV de pessoas de diferentes culturas. O projeto piloto foi iniciado com a participação de 15 centros de estudos diferentes, escolhidos devido a aspectos relacionados a níveis de industrialização, sistema de saúde do país e também questões como “o papel da família”, percepção de si, religião e outros aspectos. Os centros foram os seguintes: Universidade de Melbourne – Austrália, Instituto de Diabetes, Endocrinologia e Doenças Metabólicas / Universidade de Zagreb – Croácia, INSERM - Paris / França, Colégio de Medicina de Madras – Índia, AII Instituto de Ciências Médicas da Índia - Nova Delhi / Índia, Universidade Ben-Gurion de Negev - Beer-Sheva / Israel, Universidade de Ciências de Tóquio / Colégio de Enfermagem São Lucas – Japão, Universidade de Tilburg – Holanda, Universidade do Panamá – Panamá, Instituto de Pesquisas Psiconeurológicas de Bekhterev – St. Petersburg/Rússia, Universidade de Barcelona – Espanha, Instituto de Saúde Mental – Bancoc / Tailândia, Universidade de Bath – Reino Unido, Universidade de Washington – Seattle / Estados Unidos e Universidade do Zimbábue – Harare / Zimbábue.

Após a definição de QV, iniciou-se uma subdivisão desta em aspectos/facetas considerados necessários para o seu entendimento e que permitissem aprofundamento de cada um gerando melhor entendimento do todo. Após a operacionalização dessas facetas, suscitou uma questão global e para finalizar, a criação de uma escala de respostas pertinente para as versões em diferentes idiomas.

Cada centro envolvido na criação do projeto piloto enviou suas sugestões para a melhoria do instrumento, buscando dar uma identidade global ao questionário sem transformá-lo em algo que não pudesse ser entendido em cada cultura envolvida.

O instrumento piloto continha 236 questões divididas em 6 domínios e 29 facetas (aspectos). Cada faceta era formada por aproximadamente 8 questões, sendo 4 questões objetivas e 4 subjetivas. Para a resposta foi utilizada a escala de resposta “five-point Likert scale”, a escala de 5 itens de Likert, que necessitou da tradução bastante rigorosa para manter a idéia central da questão e da resposta em cada país. Após a definição do questionário piloto, cada

centro esteve envolvido na tradução do instrumento para a sua língua seguindo o método de tradução escolhido pelo grupo e questão. Antes da primeira aplicação do indicador de QV, este foi testado em uma quantidade pequena de pessoas que frequentam o setor saúde para checarem os últimos detalhes de interpretação, explicação, escala de resposta, entre outros.

Na primeira amostragem, cada centro aplicou o projeto piloto para, no mínimo, 300 pessoas que suprissem as exigências do grupo criador e que respondessem o questionário pensando nas duas últimas semanas. Estas exigências eram as seguintes: 50% dos participantes deveriam ser maiores de 45 anos e a outra metade menor de 45 anos, 50% homens e 50% mulheres, 250 pessoas classificadas como não-saudáveis e 50 saudáveis. Além dessas exigências os centros foram orientados a recrutar pessoas que frequentemente utilizam o sistema de saúde de seu país, que possuíssem diagnósticos diferentes e também graus diferentes de acometimento.

Após a obtenção das respostas, o cruzamento das mesmas e o entendimento dos dados de cada centro, foram encontrados pontos negativos e positivos em relação aos domínios, facetas, questões e escala de resposta. O grupo então chegou à versão final do instrumento e o batizaram de WHOQOL – 100 devido às suas 100 questões, que ao final ficaram divididas em 24 facetas e 6 domínios. Além destas, há a 25ª faceta composta por perguntas gerais sobre qualidade de vida (FLECK, 2000, p.35).

Os domínios são os seguintes: físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente, aspectos espirituais/religião/crenças pessoais. Abaixo se pode ver os domínios e as facetas (identificadas com números de 1 a 24) do WHOQOL-100:

Domínio I – domínio físico

1. dor e desconforto
2. energia e fadiga
3. sono e repouso

Domínio II – domínio psicológico

4. sentimentos positivos
5. pensar, aprender, memória e concentração
6. auto-estima
7. imagem corporal e aparência
8. sentimentos negativos

Domínio III - nível de independência

9. mobilidade
10. atividades da vida cotidiana
11. dependência de medicação ou de tratamentos
12. capacidade de trabalho

Domínio IV - relações sociais

13. relações pessoais

14. suporte (apoio) social

15. atividade sexual

Domínio V - meio ambiente

16. segurança física e proteção

17. ambiente no lar

18. recursos financeiros

19. cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade

20. oportunidades de adquirir novas informações e habilidades

21. participação em, e oportunidades de recreação/lazer

22. ambiente físico: (poluição/ruído/trânsito/clima)

23. transporte

Domínio VI - aspectos espirituais/religião/crenças pessoais

24. espiritualidade/religiosidade/crenças pessoais

Lembrando que neste instrumento cada faceta é composta por quatro questões que seguem a escala de resposta de Likert.

Após o fechamento do instrumento e a definição de sua composição, outros centros de pesquisa, ao redor do mundo, puderam ser inseridos no desenvolvimento do trabalho, como foi o caso do Brasil. Fleck (1999, p. 25) apresenta quadro bastante elucidativo em relação a questão da tradução do instrumento WHOQOL para outros idiomas, incluindo o português. Deve-se seguir os seguintes passos para a realização das traduções:

Quadro 2 – Tradução do WHOQOL – 100 para o português

Tabela 5 – metodologia de tradução da OMS
“1. tradução por tradutor com entendimento detalhado do instrumento
2. revisão da tradução por um grupo bilíngüe composto por entrevistadores, médicos e antropólogos
3. revisão por um grupo monolíngüe representativo da população na qual o instrumento vai ser aplicado
4. revisão pelo grupo bilíngüe para a incorporação das sugestões do grupo monolíngüe.
5. retrotradução por tradutor independente
6. avaliação da retrotradução pelo grupo bilíngüe. Qualquer diferença significativa é revisada iterativamente.”

Fonte - Fleck (1999, p. 25).

Ao analisarmos o documento como um todo, tendo conhecimento de seu objetivo e também do objeto de estudos da educação física podemos identificar aspectos diretamente ligados à área de conhecimento da educação física em quase todos os domínios, logicamente que isso dependerá de diversos fatores correlacionados.

Nota-se a valorização, por parte da OMS, de práticas que ampliam a definição de saúde como “ausência de doença”. Neste questionário identificamos que, para a OMS, a qualidade de vida depende de aspectos sociais, meio ambiente e crenças pessoais, e isso constitui metade do documento. Essa abrangência presente no questionário nos possibilitou olhá-lo com bastante detalhe e extrair dele os tópicos que orientaram a nossa pesquisa, tanto às visitas de observação, quanto à análise de conteúdo dos depoimentos.

As informações apresentadas neste capítulo são resultados de pesquisa bibliográfica (livros, periódicos e busca eletrônica).

Partindo dessa visão mais ampliada sobre a definição de saúde, unindo-a com as novas perspectivas e explicações acerca da QV, adentraremos agora o universo da ginástica, para conhecê-la desde sua história até a concepção que escolhemos nesta pesquisa, como sendo interessante objeto de pesquisa para a área tanto da saúde quanto da QV propriamente dita.

Capítulo 2

Ginástica geral - qualidade de vida na ginástica

2.1 História da Ginástica

Iniciaremos este capítulo apresentando informações históricas sobre a ginástica, aspectos da sistematização do movimento humano que levaram à sua criação, pontos importantes sobre suas mudanças e como se deu a utilização de seus ideais por alguns sistemas de governo.

O texto busca aproximar dois universos, a QV e a ginástica, bem estruturados e consistentes em relação às pesquisas que produzem, porém que não dialogam diretamente, e que até mesmo não se conhecem. Sendo assim, as informações históricas sobre a ginástica podem facilitar tal aproximação, como foi feito com a QV.

Seguiremos mostrando o resultado das pesquisas sobre ginástica geral, nosso principal objeto, e apresentaremos, ao longo do texto, as aproximações com a QV.

Assim, como no capítulo anterior, as informações apresentadas aqui, sobre a ginástica, são resultados de pesquisa bibliográfica (livros, periódicos e busca eletrônica).

Há autores que dizem que as discussões e inquietações sobre QV são bastante antigas, muito antes desse fenômeno ter essa denominação. Alguns encontraram registros de referências a QV na época da publicação da Didática Magna de Comênio, que viveu entre os anos de 1592 e 1670, praticamente final do século XVII, quando nos relatos históricos temos um resgate aos cuidados com o ser humano, integralmente falando.

A utilização da palavra “resgate” pode parecer utilizada de forma incorreta neste momento, porém a intenção é ser fiel aos documentos pesquisados, sem perder a veracidade de fatos muitas vezes encobertos ou distorcidos pelas publicações. Quando a palavra resgate é colocada neste momento tem a intenção de mostrar que algo retornou com força, mas não necessariamente que este acontecimento anterior tenha ficado inexistente por um tempo, não podemos precisar isso.

De acordo com Langlade & Langlade (1970, p.17), “Lãs actividades físicas son manifestaciones que acompañan al hombre desde su aparición sobre la tierra”⁵. Certamente é bastante clara a existência de movimento paralelamente a existência do ser humano, dizer que na pré-história o ser humano se movimentava por necessidade de sobrevivência, fugindo de predadores ou buscando alimento, já nos é bastante conhecido. Identificamos ser importante

⁵ “As atividades físicas são manifestações que acompanham o homem desde sua aparição sobre a Terra” – tradução da autora.

apresentar estas informações para auxiliar o leitor na projeção das imagens sobre ginástica e ginástica geral que acreditamos, desde seu início.

Em Toledo (1999, p. 79):

A Ginástica formou-se a partir de diferentes conceitos, assumindo diversas funções, através dos tempos (desde 3.000 anos a.C. até hoje), nas diferentes culturas, obtendo diversos significados e objetivos, de acordo com a comunidade em que estava inserida e sua época.

A cada época encontramos uma sociedade mutável, e a ginástica, assim como outras práticas corporais, acompanha essas mudanças, pois é fruto de uma sociedade viva. Nesta viagem histórica encontramos diferentes ginásticas, que seguiram as mudanças sociais, políticas e econômicas de cada momento histórico e de diferentes linhas de pensamento. A palavra ginásticas, no plural, tem a intenção de iniciar uma conversa com o leitor a respeito de características que identificam diferentes práticas corporais como sendo ginástica. E além de apresentar estas características, apontar diferenças e outras informações possíveis que mostrem a área de conhecimento ginástica desde seu início até a relação com a QV na vida contemporânea e como esta “serviu” e “serve” nos dias de hoje aos princípios da promoção da saúde.

Para Ramos (1982, p.15), a Ginástica é entendida como “a prática do exercício físico” e que “vem da Pré-história, afirma-se na antiguidade, estaciona na idade média, fundamenta-se na idade moderna e sistematiza-se nos primórdios da idade contemporânea”. Sendo assim e compartilhando com essa divisão veremos a partir de agora fatos históricos muito importantes para a busca da identidade da área da ginástica. É na história que encontramos informações fundamentais para a construção de tal conceito.

A divisão do calendário que seguimos nos leva a classificar a pré-história como o período há cerca de 6000 anos atrás, período este em que o ser humano se movimentava por necessidade, sejam elas fisiológicas ou de prazer. Podemos pensar que a linguagem corporal era bastante utilizada, pois de acordo com informações da época, tanto a linguagem escrita quanto a falada ainda não eram desenvolvidas.

Na antiguidade, período entre o ano 4000 aC e 476 dC, já identificamos práticas corporais que iam além da simples serventia à sobrevivência, principalmente no oriente. Na Índia, sabe-se sobre uma ginástica que buscava o equilíbrio entre o real e o mundo dos deuses, por meio de rituais e exercícios chamada Ioga. Já na China, o ensinamento de acrobacias já era muito complexo e organizado nessa época. Além das acrobacias encontramos as raízes de duas

práticas corporais que se utilizam do que eles chamam de “sequência ginástica” para a real contemplação das atividades, o tai chi chuan e o kung fu. No Egito e na Pérsia, podemos encontrar imagens de épocas antigas que apresentem exercícios de equilíbrios, acrobacias individuais ou em grupos (RAMOS, 1982).

Podemos encontrar, em Toledo (1999, p.79), informações importantes sobre a concepção de ginástica na Índia, Japão, China e Pérsia:

[...] aparece como elemento sinônimo de um conjunto de atividades físicas, baseadas na massagem e nos movimentos respiratórios, com uma certa frequência diária, e com objetivos médicos e morais. Com algumas particularidades, praticamente todas as civilizações antigas a que temos acesso, a partir de quarenta séculos antes de Cristo, tinham esta concepção.

De acordo com Langlade & Langlade (1970, p.18), é da antiguidade que herdamos as “primeiras” práticas corporais sistematizadas com fins mais voltados à saúde, à preparação do corpo para guerra, à beleza e também ao espetáculo.

Em Roma, as atividades corporais chegaram a ser vistas como espetáculo e retomaram a questão da sobrevivência, já que nas disputas entre gladiadores, guerreiros bem treinados, sobreviviam os mais bem preparados corporalmente. Na Grécia, pelas imagens que conhecemos, acopladas aos textos, o corpo é tratado de forma diferente. Vemos e imaginamos um corpo esteticamente pensado e sendo exibido devido às suas formas mais perfeitas para a época. Os gregos compreendiam a atividade física como uma união, de certa forma, dependente entre corpo e espírito. Para os gregos, a educação integral englobava, além da formação física, o que podemos chamar de formação intelectual, por meio de exercícios de ginástica. Não só praticavam a ginástica como também freqüentavam as academias chamadas de centros do saber, e ambos tinham o mesmo valor.

O significado etimológico da palavra ginástica, de origem grega, é explicado por Ayoub (2003, p.31) e outros autores (SOUZA, 1997; SOARES, 1998) relatando que a palavra *Gymnastiké* quer dizer: “a arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade”, e complementando essa definição “trazendo consigo uma idéia de associação entre o exercício físico e a nudez, no sentido do despido, do simples, do livre, do limpo, do desprovido ou destituído de maldade, do imparcial, do neutro, do puro”.

Em Langlade & Langlade (1970, p.21), encontramos outras complementações sobre a ginástica para os gregos: “Para los griegos, gimnasia significaba ejercicios físicos em general y éstos comprendían carreras, lanzamientos, saltos, luchas etc; em resumen, todos los ejercicios denominados em la actualidad atletismo o deportes”.

Sabe-se também que além da Grécia, a China, a Índia e a Pérsia utilizavam exercícios ginásticos para prepararem seus exércitos.

Os registros ocidentais pesquisados neste estudo apontam algumas ausências de informações a respeito das práticas corporais durante a Idade Média, na maioria deles são citadas apenas as que se relacionam ao cavaleiro e novamente à preparação para os combates da época. Lembremos aqui que, neste momento, a Igreja exercia pleno domínio sobre a população e a questão corporal era banida por ela.

Outro trabalho que trouxe informações muito relevantes sobre a história da ginástica é de Fiorin (2002, p.20). Sobre a presença de atividades gímnicas na idade média a autora nos informa:

Há uma controvérsia entre alguns autores ao afirmarem que a Idade Média foi um período de trevas no qual a prática da Ginástica foi deixada de lado. Preferimos acreditar que sua prática saiu da história oficial e ganhou terreno no campo das histórias subterrâneas, na prática popular. Talvez longe dos olhares oficiais, mas próximo da movimentação menos controlada, as práticas corporais tiveram seu período de latência até renascer (oficialmente) na Idade Moderna.

Para a nobreza, da época, havia uma valorização a “esgrima e a equitação” e, não somente os nobres, mas a população em geral realizava o manejo de arcos e flechas, lutas, escaladas, corridas, saltos e outros jogos. (SOUZA,1997, p. 22).

Com o fim do império romano, da soberania da igreja católica e todas as particularidades que caracterizam a Idade Média, novos movimentos surgem e as questões corporais retomam seu lugar nos registros históricos. Vários fatores se interligam buscando explicar os motivos de tais mudanças comportamentais e o surgimento de uma prática corporal não tanto diferenciada das até então realizadas, mas com suas particularidades. O corpo e suas potencialidades começam a serem revistos e valores são atribuídos a seus fazeres, como moral e valorização da saúde. As atividades físicas realizadas até este momento eram: “juegos populares, rondas, danzas folclóricas y regionales, atletismo y deportes” (LANGLADE & LANGLADE,

1982, p.23). Na Idade Moderna o movimento corporal era atrelado à felicidade, contemplação, alegria. Não realizavam estas comemorações para a busca de saúde, mas sim pela diversão.

Chegando ao final do século XVII, a ciência experimental fortalece-se, a festividade relacionada ao movimento passa a ser mal vista, inicia-se uma retificação do indivíduo e o olhar para uma educação do corpo. Surgem então os primeiros trabalhos com o intuito de sistematizar as práticas corporais na Europa. As informações disponíveis remetem-se a esta época (século XVIII) como uma volta à busca de ideais e aos cuidados corporais vivenciados pelos gregos na antiguidade. Seguindo essa lógica, inicia-se uma valorização do corpo por meio de exercícios que passam a ser sistematizados por diferentes vertentes, buscando fins semelhantes entre si e não iguais aos que se buscava neste momento.

A linha tênue que aproximou, inicialmente, e assegurou validação desse fenômeno batizado com o nome de ginástica à sociedade burguesa da época, foi seu alto rigor de rigidez e disciplina, postura ereta, verticalidade dos corpos e, além disso, uma grande aproximação em relação às questões da saúde, pois várias pestes assombravam a vida cotidiana da população. Em suma, a alta capacidade, até então subjetiva, de remodelar todo um coletivo e a potencialidade opressora da liberdade criativa, deu a esta prática toda a característica que a classe dominante necessitava para permanência de seus ideais naquele momento.

Vincularam à ginástica todo o contrário apresentado nas manifestações corporais funambulescas da época, nas quais eram encontrados alegria, risos, variedade, cores, linhas curvas, o risco, o improviso, a liberdade. Os espectadores viam no corpo dos saltimbancos ou acrobatas, nas ruas, feiras, praças, uma ordem ímpar, de cada indivíduo, uma autenticidade invejada por muitos e perigosa à permanência da ordem (SOARES, 1998).

As características essenciais desta gestualidade toda, de entreter, de mostrar o corpo criativo, assustava a burguesia, ao ponto desta baní-la e chamá-la de prática da desordem, totalmente inútil ao mundo do trabalho.

Nesta perspectiva, surge uma prática utilitária ao trabalho, que veio negar o prazer por si só, imbuída de ideais dominantes, e que buscava engrandecer-se ao ser comparada com o mesmo movimento na Grécia, chamada ginástica. Uma ginástica com fortes ligações aos princípios militares de ordem, disciplina, uma prática que modela diferenças em um único formato, uma ginástica científica, técnica, dura, igual, de linhas retas, de corpos rígidos e anônimos, econômica, onde o indivíduo compõe um coletivo subalterno (SOARES, 1998).

A pesquisa realizada por Soares (1998, p.25) nos apresenta informações que comprovam as iniciais diferenciações sobre o gestual circense e ginástico:

Nos escritos sobre Ginástica científica no século XIX encontra-se, de modo sistemático, a negação de elementos cênicos, funambulescos, acrobáticos. Encontra-se, sobretudo, uma retórica de recusa aos espetáculos próprios do mundo circense e das festas populares onde o corpo ocupa o lugar central.

Além de ofuscar a liberdade individual, a ginástica aparece com outros objetivos e devido a diferentes interesses. Seguindo Soares (1998), a ginástica, ao ser instituída, buscou os seguintes objetivos:

[...] moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver; [...] regenerar a raça e promover a saúde em uma sociedade marcada pelo alto índice de mortalidade e de doenças, sem contudo alterar as condições de vida e de trabalho; [...] estabelecer uma ordem lógica nas atividades e um adequado aproveitamento do tempo ou, mais precisamente, uma economia de energias; [...] potencializar a necessidade de utilidade das ações e dos gestos; [...] cultivar a saúde como princípios organizadores do cotidiano; [...] servir a nova mentalidade científica, prática, pragmática, baseada na ciência e na técnica como formas específicas de saber; [...] servir como importante instrumento de recuperação da cultura e sociedade grega, por eles identificada como portadora da mais absoluta harmonia; [...] cultivar, além da saúde e do corpo, também a Pátria.

Para Roble (1999, p.55):

Quando a utilidade do corpo passou a ser desejada para atender aos preceitos de produtividade do mercado que emergia junto à indústria e à burguesia, o corpo precisou livrar-se do excesso, para sistematizar ações e gestos que economizassem esforço, preservassem a saúde e representassem, quanto mais possível, a noção de eficiência. Foi nesse contexto que a ginástica ganhou embalo, sobretudo na Europa do século XIX, constituindo formas bastante difundidas e estruturadas.

Langlade & Langlade (1982) também nos mostram diversos motivos que culminaram no aparecimento de uma nova realidade em relação ao movimento corporal:

- a mudança real no mundo do trabalho, onde o operário passou a ficar horas na mesma posição, exercendo a mesma função e realizando os mesmos movimentos;
- ampliação do horário de permanência nas escolas e liceos;

- diminuição do horário de lazer, conseqüentemente redução das atividades corporais;
- o crescimento físico das cidades fez com que os espaços públicos e freqüentados no tempo livre se reduzissem;
- a ligação direta com o imaginário das formas corporais gregas;
- o aumento da carga horária de estudos gerou comprometimentos em relação à postura.

Guts Muths, um dos principais criadores de uma das referendadas escolas ginásticas, a escola alemã, citado por Nolte (2002, p.8) em seu livro intitulado “*Gymnastik für die jugend*”, defende que a ginástica proporciona: “health of the body and unclouded serenity of the mind”⁶.

Dentre todos esses acontecimentos, tal ginástica, que contrapõe a liberdade e, de certa forma, aprisiona o inusitado e o risco, toma *corpo* e ao ser sistematizada em diferentes locais da Europa toma *corpos*, apresentando-se como ferramenta fundamental a permanência do status quo da sociedade burguesa.

Para manter sua hegemonia, a burguesia necessita investir na construção de um novo ser humano, que possa suportar uma nova política, econômica e social e um novo modo de reproduzir a vida sob novas bases. A construção desse novo ser humano, portanto, será integral. Ela ‘cuidará’ igualmente dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos (SOARES, 2001, p.5).

Em virtude dessa busca, no que historicamente é chamado de período contemporâneo, vários movimentos foram iniciados na Europa com o intuito de sistematizar as práticas corporais e atingir os objetivos acima citados. Em Boto, Mayor, Del Valle, (2004) encontramos:

A principios del siglo XX aparecen prácticamente de forma simultánea cuatro grandes movimientos gimnásticos que darán lugar a sus respectivas Escuelas y Sistemas Gimnásticos [...], los cuales, según Richard Mandell (1981), tuvieron su origen en las corrientes intelectuales más destacadas del siglo XIX, como son el racionalismo, el romanticismo, el nacionalismo, la democracia y el ideal pedagógico.

Surge então, na Europa, início do século XIX, os chamados métodos ginásticos, tema também encontrado sob as seguintes designações: sistemas, linhas ou escolas de ginástica. Optou-se, neste texto, pela utilização do termo Escolas de Ginástica para referirmo-nos a estas diferentes sistematizações das práticas corporais na Europa. Partindo desse conhecimento,

⁶ Traduzindo: saúde do corpo e a serenidade límpida da mente.

veremos os “movimentos ginásticos” que são resultado dos intercâmbios entre as diferentes Escolas de Ginástica que deram início a este processo.

Essas escolas são sistematizadas de acordo com suas finalidades semelhantes. Em Soares (2001, p.52), encontramos essas informações e de certo modo a comprovação da forte relação com as questões da saúde:

[...] regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e de doenças); promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir à pátria nas guerras e indústria) e finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos).

Neste período, a ginástica ganha status ao “servir” aos anseios da área médica relacionada aos princípios higienistas e ao se aproximar de tal área consegue, de forma mais convincente, mostrar sua importância. Tem-se também as questões da ordem disciplinar, necessária à nova organização de trabalho que estava se fortalecendo. Tanto os princípios higienistas quanto os trabalhistas levam-nos a observar a busca pela melhoria da saúde e qualidade de vida. Porém estes acontecem sem modificação das condições de vida da população proletária. Vive-se a época da higienização dos costumes.

Como os métodos ginásticos são a base de todo movimento ginástico e também esportivo da atualidade, podemos aproximar interpretações sobre um e outro. Com isso, identificamos em Brohm (1982, p.80-81), citado por Proni (2002, p.39-40), que o esporte moderno tem como essência “a ideologia democrática típica de uma sociedade que precisa cultivar um ideal humanitário (liberdade, igualdade e fraternidade) e ao mesmo tempo, velar suas estruturas de classe e seus mecanismos de dominação”. Ao pensarmos e refletirmos sobre estes aspectos, ideologia democrática e estruturas de classe, podemos observar que tanto a ginástica como o discurso estritamente biológico de QV, corroboraram, e de certa forma ainda o fazem, para que a chamada essência do esporte moderno fosse também desenvolvida e ampliada a outras instâncias sociais.

Foram quatro as primeiras escolas que sistematizaram as práticas corporais na Europa, e dessas, outros movimentos foram iniciados em diferentes locais. Certamente no Oriente as práticas corporais também seguiram um caminho da sistematização, porém, não podemos precisar a época em que isto ocorreu. Ainda em Boto, Mayor & Del Valle (2004):

Cada una de estas tendencias se caracteriza por una serie de elementos comunes que van a dar lugar a una concepción analítica, natural, rítmica o deportiva del movimiento, sin embargo cada una de ellas no va a llevar asociada de forma permanente y exclusiva en el tiempo dos rasgos identificativos propicios que la caracterizan, debido a la influencia de otras tendencias surgidas, en muchos casos, como reacción o derivación de las ya existentes.⁷

Em Langlade & Langlade (1982, p. 23), encontramos, em poucas palavras, o marco de início das sistematizações gímnicas: “Desde 1800 aparecen netamente diferenciadas cuatro zonas que demarcan distintas formas de encarar los ejercicios físicos, tres de ellas especialmente vinculadas com la evolución de esa recién nacida, la gimnasia”.

Em Nolte (2002), também podemos encontrar informações a respeito do início destas sistematizações, em que época isto ocorreu e quais objetivos tinham, dizendo que esses programas foram criados imbuídos pelos ideais e princípios das reformas iluministas, buscando acabar com doenças, promover o belo, o equilíbrio entre o intelecto e o desenvolvimento físico, um completando o outro, criando um cidadão integral para um mundo melhor e mais tolerante. Um discurso bastante dicotomizado.

Segundo Hobsbawm (1984), em finais do século XIX, há o surgimento das políticas de massas, instrumentos eficientes simbolicamente na afirmação das Nações, chamados de elementos “irracionais” para a manutenção da ordem e estruturas sociais. Alguns desses elementos seriam: “a educação primária secular, as cerimônias públicas e a produção em massa de monumentos públicos” e, além desses, “a invenção do povo, da cultura, de uma ancestralidade comum, a unificação da língua e institucionalização de rituais nacionais” (HOBSBAWM, 1990 citado por SOARES, 1998, p.160).

Certamente a ginástica e suas sistematizações carregam em seu significado algo que vai além da melhoria da saúde da população ou a busca de ideários gregos de culto ao corpo individualmente falando. Esse movimento vem para fortalecer as questões nacionais e manter a ordem política, social e econômica dividida de acordo com os interesses de classes.

Apresentaremos a seguir quatro diferentes escolas de ginástica que em sua sistematização do movimento influenciaram, e de certa forma deram início, a grande parte das

⁷ Tradução: Cada uma dessas tendências caracteriza-se por uma série de elementos comuns dando espaço assim, a uma concepção analítica, natural, rítmica ou esportiva do movimento. Entretanto, cada uma delas não levará associada, de maneira permanente e exclusiva no tempo dos traços característicos que a identificam, devido à influência de outras tendências surgidas em muitos dos casos como reação ou derivação das já existentes. [1]

práticas corporais da atualidade e conseqüentemente originaram os diferentes tipos de ginástica que temos até os dias de hoje, buscando relacionar essa “criação” às formas de dominação e controle pensadas pelos governantes de época.

A primeira escola que comentaremos é a escola inglesa, pois dentre as quatro pesquisadas aqui, esta não possui caráter gímico. Mesmo assim, é fundamental citá-la para podermos identificar o que “não” vem a ser ginástica, ou saber que existem ginásticas esportivizadas atualmente, efetivando a troca entre diferentes áreas e demonstrando que as práticas corporais também compartilham saberes. Esta escola, ou também chamada de sistema desportivo, tem Thomas Arnold como seu representante oficial ou principal, e tem nos jogos, atletismo e esportes sua representação. Dá-se início, neste momento, ao esporte que conhecemos atualmente, ou o que se pode mais se aproximar deste. Para Brohm (1982), citado por Proni (2002, p.40), o esporte é um fenômeno complexo, delimitando campo específico e original no campo das práticas corporais. Em geral, “esporte é algo preciso, o qual exclui de seu domínio os fenômenos [...] os quais embora parecidos, não fazem parte desse domínio (como as ginásticas, os jogos infantis etc).”

Para melhor entendimento e posterior relação com características gímicas, apresentaremos aqui a definição de esporte, proposta por Brohm (1982), citado por Proni (2002, p.41):

[...] definição de esporte que explica as relações sociais implicadas nesse campo e engloba quatro dimensões: 1) sistema institucionalizado de práticas competitivas (com predomínio do aspecto físico) delimitadas, reguladas, codificadas e regulamentadas convencionalmente, cujo objetivo é designar o melhor concorrente ou registrar o melhor desempenho; 2) sistema de competições físicas universalizadas aberto a todos, que se estende no espaço e no tempo sociais, cujo objetivo é medir e comparar o rendimento corporal humano; 3) sistema cultural dedicado a registrar progresso corporal humano (o positivismo institucionalizado do corpo), a instituição devotada à progressão física continuada e à ininterrupta busca de superação das façanhas; 4) campo de relações sociais no qual impera o espírito novo, industrial, a mentalidade do rendimento e do êxito.

Na história da criação e desenvolvimento da escola alemã, encontramos dois nomes muito importantes, Guts Muths e Friederich Ludwing Jahn, considerados os fundadores deste método. Baseado nos ideais de Rousseau, que buscavam um retorno do ser humano às suas condições naturais de vida, é aplicado, por J. B. Basedaw, um plano educativo de exercícios corporais para um setor mais privilegiado da população alemã, no primeiro *Filantropinum*

(espécie de escola), localizado na cidade de Dessau. Estes Filantropinuns estiveram presentes em vários países da Europa e constituíram-se verdadeiros laboratórios pedagógicos das práticas corporais. Guts Muths é considerado o pai da ginástica pedagógica moderna, embasada nos ideais da antiguidade clássica e os exercícios ginásticos utilizados possuem finalidade educativa e curativa.

Segundo Mandell (1986), citado por Boto et al (2004), Guts Muths foi fortemente influenciado pelo pensamento racional e lógico, que imperavam na educação escolar na Alemanha. Já em Jahn, identificou-se um método com caráter bastante político e de grande valor militar, devido à ideologia nazista e à exaltação da raça alemã deste criador. Pode-se notar esse patriotismo até mesmo na nova nomenclatura que utiliza para se referir à ginástica. Jahn troca a palavra de origem grega para utilizar um sinônimo alemão, o *Turnkunst*. Esta escola também é conhecida como sendo o método rítmico.

A terceira escola é a escola sueca. As idéias de Guts Muths chegaram à Suécia por meio de F. Nachtegall, um dinamarquês que foi responsável pela fundação do 1º instituto privado de ginástica na Europa no ano de 1799. Outro nome importante, e talvez de grande significação para a história da escola sueca é Pier Henrich Ling, militar, médico, poeta, educador e professor de esgrima. Este teve sua formação com Nachtegall na Dinamarca e com outros mestres na China. Nesta viagem à China, aprendeu práticas orientais sobre cuidados com a saúde, conhecida por medicina chinesa e acupuntura⁸. Ao retornar à Suécia, criou um método para se desenvolver a ginástica e o classificou como: pedagógico, médico, militar e estético. Esta escola mostra forte justificativa científica embasada em princípios da anatomia e fisiologia e se caracteriza por constituir-se de “posiciones estáticas, movimientos analíticos, descanso entre ejercicios, correcciones continuas y intensidad progresiva en los ejercicios.” (ADOS, p.12).

Outra é a escola francesa, que de acordo com Millán (2005, p. 09), está juntamente com a escola inglesa dentro de uma denominação maior de sistema natural. Esta classificação pode ser explicada devido ao desenvolvimento, pelo francês George Hebert, do método chamado ginástica natural, em seu país natal.

A escola francesa tem na fundação do “Ginásio Normal Militar”, em Paris, no ano de 1818, um marco inicial dos trabalhos de Francisco Amorós y Ondeano, seu principal representante.

La gimnasia amorosiana és una conjunción de ejercicios tomados de Guts Muths y Jahn, más o menos modificados, especialmente em lo que tiene que ver con los aparatos (maquinaria), aunados a los ejercicios elementales de Pestalozzi e ideais personales de su autor. (LANGLADE & LANGLADE, 1982, p. 27).

⁸ Buscar em www.asaom.edu/tao_traditional_accu.php

Esta prática apresentou grandes e significativos resultados no âmbito militar, sendo referência até mesmo para outros países e permanecendo em utilização por mais de 50 anos. Seu caráter moralizador fez com que a ginástica somente fosse o meio para tal fim. (SOARES, 1998). Já no aspecto pedagógico, a intenção de levar a ginástica de Amoros para a escola não surtiu tantos efeitos positivos. Os princípios deste método iam contra os ideais pedagógicos da época e não havia pessoas com formação adequada para atender as crianças. Este método caracteriza-se por uma concepção natural e utilitária dos exercícios físicos, com o objetivo principal de atingir um corpo esteticamente belo. Pode-se dizer que este foi, e de certa forma continua sendo, a principal característica da ginástica, uma das que possibilitam a identificação do fenômeno.

Nota-se que as nações com governos não democráticos aderiram à utilização dessa sistematização buscando espaço de reconhecimento e validação de sua existência e permanência em grupos de dominação. Tal observação é decorrente de leituras que trazem informações sobre a utilização da ginástica inicialmente pelo governo do país e não como um movimento que nasce na sociedade.

As escolas ginásticas tiveram suas especificidades e apresentá-las aqui serviu para, além de iniciarmos a construção do imaginário sobre a ginástica, conhecer seus ideais de sistematização, que incluem o servir à pátria e a busca pela saúde. Com isso, podemos identificar desde que época e em quais locais ocorrem as aproximações entre ginástica e saúde.

Todas as mudanças políticas que estavam ocorrendo naquela época necessitavam de adaptações por parte da sociedade como um todo.

A seguinte observação pode comprovar e validar o surgimento de práticas tão parecidas em lugares tão distintos: “grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social, e que estruturassem relações sociais” (Hobsbawm, 1984, p.271).

Cercada de todos esses acontecimentos, a ginástica é uma área de conhecimento que, em sua prática corporal, utiliza-se de exercícios sistematizados ou uma seqüência deles, que buscam diferentes objetivos, desde sua criação até os dias atuais, como: **aspecto pedagógico de educação do corpo**, relacionado à postura e à técnica para a realização de exercícios específicos que vão além dos movimentos cotidianos de uma pessoa; **aspecto médico**, como remédio para

reparação de algum mal corporal, ou como prevenção a este; **aspecto militar**, a busca de um corpo forte, saudável, disciplinado e servil à pátria; **aspecto estético**, diretamente relacionado à aparência física, à busca do belo. Além desses objetivos, que ultrapassaram as décadas e permaneceram sem grandes alterações hoje em dia, a ginástica é também apresentada sob o **aspecto lazer** e o **aspecto esportivo**. Esses objetivos podem aparecer separados ou mesmo em uma totalidade, e de qualquer maneira permanecem sob a denominação de ginástica, dependendo da intenção do indivíduo praticante e das “forças histórico-culturais” que o influenciam.

Partindo da aplicação destes métodos, da observação judicativa dos mesmos, das transformações propostas por pesquisadores e de diversos intercâmbios, novas propostas vão surgindo. Novas “ginásticas” vão sendo construídas, muitas delas com objetivos próximos, outras como propostas de vanguarda. São o que conhecemos por “Movimento Ginástico” e apresentaremos o movimento ginástico do centro, do norte e do oeste, todos ocorridos na Europa, no período entre 1900 e 1939 e que também influenciaram o tipo de ginástica que pesquisamos na atualidade.

O movimento do centro, conhecido também por “escola alemã” de ginástica, foi formado por dois tipos de manifestações gímnicas: as manifestações artístico-rítmico-pedagógicas, conhecidas por eurytmia, e ginástica moderna; e as manifestações técnico-pedagógicas, chamadas de ginástica natural austríaca (LANGLADE & LANGLADE, 1982, p.37). A ginástica moderna fora bastante influenciada pelas artes, principalmente pela dança, pelo teatro e pela música. Todos os seus inspiradores tinham trabalhos relacionados com uma visão de corpo não tanto “ginástico”, que se construía pela livre expressão do praticante. Foi o movimento que se apresentou de forma intuitiva e prática, afastando-se da forma científica tão presente na ginástica da época.

Aparentemente é a escola que mais se distancia dos ideais de servidão, mas permanece com aspectos relacionados à beleza do gesto e à busca de saúde com a valorização do indivíduo. A ginástica moderna foi criada buscando ser uma possibilidade de reencontro do ser humano com seu ritmo natural de movimentar-se e também um movimento contrário ao conceito “eminentemente físico, de caráter anatômico e fisiológico dos sistemas ginásticos da época” e também “contra os movimentos ‘construídos’ de caráter totalmente ‘analítico’, características dos exercícios a mãos livres da ginástica de Ling e Spiess” (LANGLADE & LANGLADE, 1982, p.89). Essa proposta também traz a inclusão de materiais portáteis como prolongamento do ato de

movimentar-se, materiais como aros e claves, que para seu criador davam melhor ritmo e fluidez ao movimento. São parte desse movimento, além da chamada ginástica moderna, a ginástica feminina finlandesa e a ginástica estoniana. Pode-se notar nessa explicação que aspectos da saúde, propriamente dito, não estão em primeira instância e sim a educação do gesto, a livre, ou aparentemente livre, expressão do indivíduo.

Já a manifestação técnico-pedagógica do movimento do centro caracteriza-se por ser uma reação contra: a esteriotipação da ginástica de Spiess, com seu espírito, formas geométricas e exercícios de ordem; os exercícios de caráter militar que haviam sido introduzidos na ginástica escolar; o conceito terapêutico da ginástica sueca; a ginástica competitiva pela interpretação dura e tensa dos movimentos a mãos livres e o caminhar; as atividades excessivamente dirigidas; as condições anti-higiênicas dos ginásios. Além disso, outros objetivos seriam: grande desejo de elevar os exercícios físicos do plano empírico ao plano científico, com fundamentação bio-psicológica; criar uma ginástica que unisse o físico, o moral e o espiritual, a chamada educação total cujo ponto de partida é o corpo; oferecer às crianças formas “naturais” de movimento com íntima relação com o jogo e a natureza (LANGLADE & LANGLADE, 1982).

No movimento do norte, escola sueca, também houve uma divisão na forma de ver, entender, utilizar e aplicar a ginástica, a chamada “ginástica neo-sueca” manifestou-se das seguintes maneiras: ginástica neo-sueca científica e ginástica neo-sueca técnica-pedagógica. A ginástica neo-sueca científica buscou aproximar suas pesquisas às explicações fisiológicas, buscando técnicas para o desenvolvimento dos movimentos e contrapondo-se aos aspectos pedagógicos de tal manifestação. A ginástica neo-sueca técnica-pedagógica vai ao encontro dos ideais ginásticos da ginástica feminina de sua época ocorridos na Finlândia, Suécia e Dinamarca. Nesta “ginástica”, os exercícios teriam os seguintes fins: satisfazer a necessidade do corpo, por meio de exercícios que fazem trabalhar de uma maneira completa as diferentes partes e que renovam, fortificam e vivificam o corpo e a alma; desenvolver a boa postura e a mobilidade; desenvolver a força e a resistência ao trabalho; suscitar movimentos livres e harmônicos e tornar perfeito o sentido da forma e da beleza; despertar o sentido de ordem, a precisão, a independência do pensamento, a força de vontade e o desejo da ação, lutar contra a tendência do sedentarismo, despertar o gosto por uma vida sã e enérgica (LANGLADE & LANGLADE, 1982).

Para encerrarmos a explicação da “possível” origem de tantas formas distintas de ginástica, mostraremos o movimento do Oeste, a conhecida “escola francesa” de ginástica, que

também se apresentou sob a manifestação científica e manifestação técnico-pedagógica. A manifestação científica buscou: sair dos procedimentos empíricos e inspirar-se nas leis físicas e biológicas; esforçar-se por construir uma doutrina com os resultados de tal experiência auxiliados pelo método científico; estabelecer uma pedagogia da educação física sobre o conhecimento de homem e a busca das leis de melhor utilização da força muscular; construir suas definições sobre as bases sólidas das ciências da educação física (LANGLADE & LANGLADE, 1982). No âmbito técnico pedagógico, temos o método natural que também buscou contrapor a ginástica sueca da época, e as pedagogias e psicologias analíticas tendo como principal inspiração as teorias de Rousseau (LANGLADE & LANGLADE, 1982). Nestes aspectos:

[...] Amoros conseguiu demonstrar uma relação direta que poderia existir entre “sua” ginástica e a saúde dos indivíduos, bem como a tão ansiada utilidade das ações humanas. E tudo baseado em extensa argumentação científica onde aparecem em relevo as noções de anatomia, fisiologia e mecânica do movimento, acrescidas da música, do canto e da filosófica. (SOARES, 1998 p.41)

Notadamente em diferentes lugares a busca pela definição da ginástica compartilhou das mesmas fontes, aspectos científicos muito voltados e diretamente ligados às questões relacionadas com a saúde, da economia de energia na realização do movimento e na área pedagógica a busca por uma “suposta” liberdade na construção do gesto e uma contraposição à ginástica sueca da época, que possuía caráter bem focado na saúde.

Durante essas quase quatro décadas, entre 1900 e 1939, em diferentes localidades da Europa, buscou-se explicar a existência de uma movimentação do corpo sistematizada chamada ginástica e apresentar suas reais ligações com áreas de pesquisa afins. Questões extremamente ligadas à saúde foram encontradas em quase todas as explicações sobre “postura”, juntamente a aspectos de tensão muscular e estética.

Quando nos desprendemos diretamente dos aspectos apenas fisiológicos do corpo, adentramos em um local que valoriza também os desejos do praticante, seus anseios e aspirações em relação ao movimentar-se. Observamos o indivíduo como um todo, sem dicotomias explicativas. Ao constataremos essa possibilidade, cria-se um caminho possível de diálogo entre a ginástica e as atuais e ampliadas definições de QV.

De acordo com Langlade & Langlade (1982), após a década de 1940, a ginástica entra em uma aparente desordem para a época, as trocas de saberes influenciam as

identidades de cada região e novas propostas são fortalecidas. Estamos no pós guerra, uma nova ordem mundial está se estabelecendo e a ginástica vai sofrer novas mudanças.

A ginástica não é mais um programa governamental que possui diferentes objetivos nacionais, nem mesmo está nas escolas, com o intuito da “educação do físico”, porém, a população, de forma geral, permanece em busca de seus ideais de saúde, beleza e retidão corporal, e os objetivos pessoais de tais buscam divergem consideravelmente. Alguns buscam a ginástica para melhoria da saúde, da qualidade de vida, pela busca do belo, por imposição da moda ou da mídia, por uma suposta inserção social e por outros tantos aspectos subjetivos presentes no imaginário coletivo.

No Brasil, com a troca de governo, o tipo de ginástica que “formava” corpos servis à pátria, que demonstravam o quanto o país é forte e importante, perdeu espaço, pois a forma totalitária do governo ditatorial, ao ser substituído, levou consigo muitos dos aspectos que caracterizavam a essência da ginástica. Esse tipo de prática que idealiza um corpo dócil, forte, igual e servil ao coletivo em prol da nação é, e sempre foi, um tipo de prática corporal ideal para esse tipo de governo.

Com isso fica bastante nítida a opção brasileira em relação às mudanças de formas de dominação, pois uma das formas de permanência da dominação do corpo é, a partir da década de 80, o esporte em detrimento da ginástica.

É a partir do final da década de oitenta, século XX, que a ginástica perde espaço no ambiente escolar e também nos cursos de formação acadêmica na área de Educação Física. O esporte e suas variáveis ocupam o lugar de prestígio e acompanham as mudanças econômicas e sociais do governo. A ginástica passa uma fase de serventia ao esporte e de valorização apenas das práticas gímnicas esportivizadas.

Podemos pensar que o objetivo de uma política de massas que atue diretamente no corpo, como foi o caso da utilização da ginástica por diferentes governos, surtiu um ótimo resultado, pois atualmente podemos observar a iniciativa da população em permanecer formando e reproduzindo os “exércitos” de antigamente. Os corpos se tornam idênticos, independente de suas individualidades, com “pensamentos” iguais, independente de sua vida, classe social ou ideais. A busca pelo corpo “perfeito” aumenta cada vez mais a quantidade de pessoas que buscam as salas de ginástica como antídoto para este objetivo. Tal desejo multiplica-se pelo país afora, ou mesmo pelo mundo.

Como característica de um fenômeno em constante mutação, a ginástica permanece ganhando *corpo* e modelando *corpos* e até mesmo mentes. Com tantas mudanças a ginástica não desapareceu, apenas adaptou-se à nova realidade.

Muitas são as denominações para as ginásticas que conhecemos nos dias de hoje, pois mesmo com “roupagem” pós-moderna, seus objetivos, suas práticas e seus métodos, permanecem os mesmos das escolas de ginástica.

Pensemos as diferentes ginásticas que conhecemos hoje...

Em Souza (1997), encontramos o seguinte quadro, referente aos diferentes campos de atuação da ginástica:

Ginásticas de condicionamento físico: englobam todas as modalidades que tem por objetivo a aquisição ou a manutenção da condição física do indivíduo normal e ou atleta. Ginásticas de Competição: reúnem todas as modalidades competitivas. Ginásticas Fisioterápicas: responsáveis pela utilização do exercício físico na prevenção ou tratamento de doenças. Ginásticas de Conscientização Corporal: reúnem as Novas propostas de abordagem do corpo, também conhecidas por técnicas alternativas ou ginásticas suaves, e que foram introduzidas no Brasil a partir da década de 70, tendo como pioneira a anti-ginástica. (...). Ginástica de demonstração: é representante deste grupo a Ginástica Geral.

Citaremos aqui alguns exemplos propostos pela mesma autora que comprovam a constante “atualização” que a ginástica sofre, incluindo também exemplos com nomenclaturas atuais.

As ginásticas de condicionamento físico são: “aeróbica, localizada, musculação, step” e muitas das ginásticas encontradas hoje nas academias, os conhecidos sistemas “Body...”, entre outros. Nas ginásticas de competição estão incluídas as modalidades esportivas, reconhecidas ou não pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), e que conservam as características pertinentes ao esporte. São elas: “ginástica artística, rítmica, acrobática, aeróbica, trampolim acrobático, mini-trampolim, tumbling, duplo-mini, roda ginástica”. Ginásticas fisioterápicas: “reeducação postural global (RPG), cinesioterapia, isostreching,” e também a ginástica passiva e ginástica laboral. São exemplos das ginásticas de conscientização corporal “a anti-ginástica, a eutonia, feldenkrais e a bioenergética”, além do pilates, do tai-chi-chuan e da yoga⁹. A autora classifica a ginástica geral como sendo a única representante das ginásticas de

⁹ O tai-chi-chuan e a yoga possuem muitas similaridades com as ginásticas ocidentais e além destas aproximações podem vir a ser um bom referencial para uma ginástica que olhe o todo do ser humano.

demonstração, contudo incluiríamos outras práticas gímnicas como práticas de demonstração, como é o caso da ginástica acrobática, de trampolim, de tumbling entre outras, dependendo de componentes do contexto ao qual está inserida esta prática.

Essa classificação não busca provar que cada prática gímnic seja representante de apenas um dos grupos. Pelo contrário, partindo das explicações, podemos questionar “o que” nos leva a classificar tais ginásticas em um ou outro grupo. Para nós, o motivo da classificação depende de uma escolha subjetiva e pessoal do praticante, sua real intenção com aquela prática. Certamente a pessoa que pratica uma ginástica de competição tem bom condicionamento físico, porém, sua busca primeira ou sua intenção foi a competição. O condicionamento é consequência.

Ao comparar o quadro citado anteriormente, juntamente com as características da ginástica (aspecto médico, pedagógico, militar, esportivo, de lazer e estético), podemos entender e identificar os possíveis intenções da autora na classificação de tais práticas.

Devido a busca diária de melhorias no campo da qualidade de vida, nota-se que ao optarmos pela QV com definição ampliada, estamos também buscando práticas corporais que não se restrinjam a explicações meramente fisiológicas, ou que possibilitam conversas férteis com campos de conhecimento diferenciados.

Muitas pessoas estão buscando, ao procurarem uma prática corporal para incluírem-se, como sua intenção ‘primeira’ a melhoria de aspectos da qualidade de vida, aspectos esses que vão além da questão saúde e beleza, mas que incluem satisfação pessoal, busca por momentos de lazer, por inclusão social e cultural.

Mesmo estando em constante avanço, os aspectos da qualidade de vida são extremamente dependentes do indivíduo, que se constitui em suas relações sociais. Sendo assim, a QV está diretamente ligada às mudanças sociais. Não existiria o ser humano sem as possibilidades de trocas de aprendizagem entre eles.

Observa-se que a impressão a respeito da qualidade de vida pode e deve variar de pessoa pra pessoa, também porque estamos no meio, do lado, na frente de uma certa rede de significações e escolhas valorizadas tanto no aspecto individual quanto no grupo.

Mesmo certos dessa relação, ainda vemos muitos indivíduos escolhendo as práticas corporais de acordo com imposições da mídia ou da moda, apenas como receptores que não se envolvem com o contexto geral do acontecimento. Vale citar aqui o paradoxo, apresentado por Luvisolo (2002, p. 285), sobre atividade física como remédio tanto para os sedentários na

atualidade, como para os trabalhadores de antigamente. Nota-se a ausência de reflexão e participação coletiva das massas atingidas.

Para suprir a busca pelas atuais imposições da moda em relação às práticas corporais e melhora da QV, aumentam cada vez mais o número de academias de ginástica, as quais oferecem, por meio de exercícios, nem sempre de “boa” qualidade, o tão sonhado “corpo perfeito”, como se isso fosse questão de “mágica” e não dependesse de outros fatores.

Estamos no momento das “multiplicações”, do aumento quantitativo das atividades. Aumenta o número de pessoas que buscam a diminuição da gordura nem sempre por saúde, mas na maioria das vezes por estética. Aumenta de forma desregulada o consumo de “drogas” legalizadas que prometem o resultado do sonho tão desejado, do corpo “definido” sem muito esforço e sem a mudança de estilo de vida. Sabe-se que, em muitos casos, são os próprios profissionais de educação física que indicam tais “remédios” aos seus “ginastas” (sejam eles atletas ou praticantes de qualquer manifestação da ginástica).

Por outro lado, aumenta também a busca por ginásticas de conscientização corporal, uma área da ginástica que parecia adormecida ou que estava apenas à margem da abordagem midiática. Esse número cada vez maior de templos da saúde e estética, juntamente com o questionamento sobre a qualidade de tais ofertas para o indivíduo nos assusta. Pense no número de professores de pilates que de uma hora para outra apareceram, essa nada mais é do que um tipo de ginástica que existe há anos e que atualmente está na moda. Pergunta-se: qual será a próxima?

A ginástica vem também servir como método de economia para empresas. É o caso da ginástica laboral, que assume um espaço físico no Ocidente, pois no Oriente já acontecia há muitos anos, não habitado por esse tipo de prática, sua função é bem conhecida: servir aos ideais capitalistas, pois já é comprovado que a inclusão dessa prática nas empresas é mais vantajosa do que o gasto posterior causado por problemas de saúde oriundos do excesso de repetição de movimentos.

As ginásticas de competição herdaram os ideais de representação da Nação e demonstram em seus campeonatos cada vez mais a distância entre o corpo livre e aspectos relacionados à saúde, pois carregam o estigma do alto rendimento, em que não podemos dizer que há como interesse primeiro a busca pela saúde.

Já as definições ampliadas de QV, possibilitam-nos iniciar uma conversa com a área da ginástica de maneira distinta e inicial, buscando uma aproximação original entre estes dois universos. Não é qualquer tipo de ginástica que possibilita essa abertura. Pensemos uma ginástica que valorize o conhecimento, a experiência e os valores dos participantes e do coletivo que estes formam. Tais características podem estar em diferentes ginásticas, pois dependem diretamente do método de desenvolvimento desta prática, mas atualmente já podemos encontrar uma prática gímnica que possa contemplar esses aspectos em sua definição. É o caso da ginástica geral.

2.2 Ginástica Geral – qualidade de vida na ginástica

Nesta parte do capítulo, buscaremos apresentar diferentes interpretações que a ginástica geral (GG) possui atualmente. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas visitas a grupos de ginástica geral com o intuito de observar a dinâmica dos encontros e obter informações que venham ou não validar nossa hipótese de que a ginástica geral é uma prática corporal que pode possibilitar melhora na qualidade de vida de seus praticantes. Estas visitas foram acompanhadas de um questionário para observação, produzido a partir do conhecimento e entendimento do questionário que mede QV da OMS, chamado WHOQOL-100. Devido à identificação, no interior do supracitado questionário, de aspectos bastante subjetivos e pessoais, optamos por utilizá-lo como base da construção de nossa observação. Isso não quer dizer que corroboramos com as definições e atuações sobre QV da OMS.

Buscando ampliar a discussão acerca do tema, analisamos as respostas apresentadas no trabalho de Souza (1997) à seguinte pergunta “Qual o significado de sua participação como integrante do Grupo Ginástico Unicamp¹⁰?”

Após esta pesquisa, podemos dizer que a ginástica é uma prática presente em ambientes diversos, que passa pela interpretação esportiva, sendo também representada nesta área, atua na área artística, é tema presente na interpretação de diferentes autores, é bastante explorada pela área da saúde e faz-se também presente nos momentos de lazer.

Com tamanha abrangência e devido à diversidade de contextos no qual está inserida, a ginástica pode possuir definições bastante distintas e até mesmo divergentes, não

¹⁰ Apresentaremos outras explicações sobre este grupo adiante.

apenas por diferentes interpretações do fenômeno, mas também porque vivemos em uma sociedade pós-moderna e, neste momento, temos uma quantidade demasiada de referências sobre os assuntos. Essas mesmas referências, a medida em que aparecem, se dispersam com deveras facilidade. Somos bombardeados por informações a todo momento (ROBLE, 2001) porém, por outro lado, o pós-modernismo, de acordo com Santos (2000, p. 18), “desenche, desfaz princípios, regras, valores, práticas, realidades. E o faz para reconstruir, para possibilitar outros olhares e recomeçar, e mostrar outros corpos, ou apenas inseri-los, valorizá-los como agente do processo transformador”.

Com o intuito de aproximar diferentes contextos e estabelecer um diálogo produtivo entre eles, escolhemos a GG como a prática gímnica presente no século XXI que mais se distancia das amarras gestuais presentes na maioria das ginásticas da atualidade. Podemos dizer que a GG é a parte da ginástica que mais se distancia da ginástica científica¹¹ e mais se aproxima da liberdade do indivíduo ou do coletivo de descobrirem suas possibilidades corporais, do chamado por Soares (1998) “núcleo primordial” da ginástica

Nessa perspectiva, de reconstrução e valorização, algumas das definições ampliadas de QV possibilitam um outro olhar para a ginástica, que vai além da utilização da mesma pelo campo de atuação da saúde. Possibilita uma abertura para corpos “não” anônimos, para a “pessoa” que realiza, que transforma, para o agente da história. A GG nos permite olhar a ginástica como uma área ampla voltada ao lazer, à saúde, ao esporte, à pedagogia, à estética, porém, com a devida participação de seus praticantes. E esta participação logicamente não se restringe apenas à imitação de gestos pré-definidos, mas à construção destes. A GG é, sem dúvida nenhuma, a área a ginástica que possibilita essa abertura. Arriscamo-nos a dizer que a GG pode ser a parte realmente social da ginástica, pois pode possibilitar que os indivíduos se constituam nas relações criadas.

Ao possibilitar, a criação da gestualidade, a GG não se preocupa com a execução perfeita de certos movimentos, não se prende à técnica, quando esta nos convida a não pensar (CARVALHO, 2001, p.90). A técnica é sim bem vinda para a manutenção da segurança corporal dos participantes.

Tibeau (2000, p. 22) apresenta uma análise etimológica do nome ginástica geral (GG) como sendo “a arte de exercitar o corpo de forma que convenha a maior parte dos

¹¹ Termo utilizado por SOARES (1998)

indivíduos de uma sociedade ou de um grupo.” Certamente a escolha da nomenclatura condiz com a realidade vivida na GG e demonstra a abrangência desta prática.

A GG é uma prática corporal que encontra sua fundamentação na área da ginástica e sendo assim traz consigo características pertinentes a esta e que a fornecem certa identidade. Por um lado, características marcantes que a inserem nesta área de conhecimento e por outro, características que apresentam possibilidades de “conversa” com outras áreas relacionadas ao corpo.

A GG teve sua origem na escola alemã e sueca e “alcançou proporções continentais num movimento em que a ginástica era vista como um conteúdo que deveria ser praticado por toda a população” (FIORIN, 2002, p. 58).

Para Roble (1999, p.56), “a Ginástica Geral pode ser pensada como atividade recreativa, reproduzir um modelo higienista ou esportivizado ou ainda, possuir um desejo expressivo”. Esta explicação demonstra as múltiplas possibilidades de interpretação do fenômeno ginástica geral.

Ayoub (2006, p.72) apresenta uma GG possível e composta por diferentes “momentos” da ginástica, “torna-se possível visualizar uma composição entre elementos do núcleo primordial da ginástica, da ginástica científica e das manifestações gímnicas contemporâneas.”

Os relatos históricos, de forma geral, apresentam visões parciais dos acontecimentos e nos mostram partes de um todo normalmente complexo e cercado de outras possíveis interpretações. A história que é apresentada sobre a GG faz-nos até mesmo esquecer questões políticas que certamente estariam envolvidas em sua “criação”.

Voltemos no tempo histórico para buscarmos as raízes da GG e sua lógica de criação e difusão no início do século XX. Vários movimentos e regimes políticos apoderaram-se das práticas gímnicas para demonstrarem seus “poderes”, utilizaram-se dessas, principalmente as de “massa” ou conhecida por ginástica de grande área, para valorizarem, fortalecerem e exibirem a disciplina e a força de cada Nação.

Podemos incluir as apresentações de ginástica geral de grande área (mass gymnastic) dentre as chamadas “políticas de massa”, uma das atividades das cerimônias públicas, um dos “elementos irracionais” para a manutenção da ordem, permanência da divisão de classes e

nacionalismo. Tais apresentações chegavam a juntar milhares de pessoas, para assistirem e outras tantas para apresentarem seus movimentos.

Nota-se nessas apresentações como o potencial simbólico da ginástica foi utilizado pela ideologia comunista, transformando a definição de ginástica relacionada a aspectos de força, saúde, beleza e disciplina em formas de adjetivar a sociedade socialista dos países do Centro e Leste Europeu como sendo uma sociedade poderosa, jovial, bela e disciplinada (Roubal, 2002). Pode-se dizer que a ginástica de grande área é a mais antiga e conhecida manifestação da ginástica geral.

Com as definições que temos atualmente, podemos dizer que a GG existe há muitos anos e passou a ser denominada e reconhecida “oficialmente” assim na década de 1980 pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), maior órgão esportivo na área da ginástica.

Roble (1999) questiona a criação da GG pelo mesmo órgão que detém o modelo esportivo aparentemente desinteressante, como sendo um “remendo” a este, já que o corpo modelado para o esporte gímico é “um corpo paradoxal: flexível mas sem flexibilidade, forte mas sem ousadia, treinado mas sem criatividade.” (ROBLE, 1999, p. 55).

Afirma-se que a questão esportiva esteve e permanece até os dias de hoje muito presente nas definições, ou tentativas de, sobre GG. Isto talvez ocorra devido ao contexto histórico vigente na época de “criação” da GG e também pelo órgão “criador” desta atividade. Tal observação é fruto de leituras que vinculam a explicação da GG sempre à união de modelos gímicos esportivizados. Outro aspecto deflagrador de tal fato pode vir a ser a respeito da grande valorização que temos atualmente, em nossa sociedade, acerca do fenômeno esporte.

Não é comum um órgão esportivo, como uma federação, ser responsável por práticas corporais tão distintas como as esportivas e as de lazer, e, além disso, realizar um bom trabalho em ambas. Porém, a inclusão da GG no interior da FIG pode ter se dado pelo aumento do número de praticantes dessa atividade de “esporte lazer” em muitos lugares no mundo. A ginástica vinha perdendo forças devido, pode-se dizer, às mudanças de sistemas de governo, então se torna interessante que “qualquer” prática corporal vire ginástica geral.

Em Ayoub (2003, p.55-56), encontramos um reflexo que pode ilustrar tal dúvida e explicá-la com propriedade, já que a referida pesquisa é fruto de entrevistas com dirigentes, que na época, atuavam como parte da FIG:

[...] desde as suas raízes na década de 1950 até a estruturação do Comitê técnico de GG da década de 1980, revela uma correlação de forças, que teve como impulso inicial a criação de um espaço na FIG para as diversas formas de se praticar ginástica fora da competição e, como consequência, a institucionalização da esfera não competitiva da ginástica. De um lado, o movimento de pressão de um grupo ligado à ginástica não competitiva (segundo o prof. Olof Kihlmark, da Suécia), buscando conquistar terreno na FIG, a fim de usufruir dos benefícios organizacionais e políticos dessa instituição, cuja representação mundial na área da ginástica é inegável. E de outro, a FIG [...] para poder igualmente, exercer controle, ditar normas e beneficiar-se, aumentando a sua representatividade e influência na área da ginástica (competitiva e não-competitiva) por meio da promoção de uma “campanha de propaganda mundial da FIG” [...].

Para a FIG, em 1993 citado por Souza (1997), GG era:

[...] a parte da ginástica que está orientada para o lazer, onde pessoas de todas as idades participam principalmente pelo prazer que sua prática proporciona. Desenvolve a saúde, a condição física e a interação social, contribuindo desta forma para o bem estar físico e psicológico de seus praticantes. Oferece um vasto campo de atividades, respeitando as características, interesses e tradições de cada povo, expressados através da variedade e beleza do movimento corporal.(...) Dentre a enorme diversidade de possibilidades de sua prática, a Ginástica Geral compreende as seguintes atividades: Ginástica e Dança; Exercícios com aparelhos; Jogos.

Esta definição tão ampla denota a possível intenção da FIG em abarcar todo o movimento corporal sob a definição de GG. Isto fica explícito ao vermos as atividades que compreendem a GG: ginástica e dança, exercícios com aparelhos e jogos e também quando no ano de 2006 a mesma entidade decide por trocar o nome de GG para Ginástica para Todos (GpT), expressão que nos remete diretamente ao termo Esporte para Todos (EPT), muito difundido na Europa e carregado de significações em nosso país. Aparenta, mais uma vez, a tentativa da FIG de tentar “cuidar” de algo bastante amplo e que politicamente interessa muito.

Essa aproximação não é atual, de acordo com Ayoub (2003, p.58):

As relações entre GG e EPT podem ser identificadas, a começar, pelo fato de que as pressões para que a FIG voltasse as suas atenções para a ginástica não competitiva teve início no final da década de 1960, no mesmo período em que o movimento EPT começava a expandir-se na Europa.

Atualmente, a definição da Ginástica para Todos encontrada no site da FIG (www.fig-gymnastics.com) é a seguinte:

Ginástica para todos é especificamente feita para melhorar a saúde e a forma física ou simplesmente por diversão ou relaxamento. A partir dessas atividades as formas competitivas de ginástica foram desenvolvidas.(...)Atualmente esta é dividida em duas categorias: Ginástica e Dança (ginástica com ou sem aparelhos portáteis, ginástica rítmica, jazz, dança moderna e ginástica aeróbica) e Ginástica com aparelhos (ginástica com aparelhos utilizados em competições, ginástica que envolve a utilização de aparelhos e jogos com aparelhos da ginástica). (tradução da autora)

Corroborando com o apresentado por Souza & Gallardo (1997, p.34), nota-se que a FIG classifica como sendo representantes da GG, ou Ginástica para Todos, todas e quaisquer atividades gímnicas, todas as danças, independentes de expressões culturais, e todo o universo de jogos, que não estejam voltados à competição e que seu objetivo principal seja “melhorar a saúde e a forma física”. Nesta perspectiva, são classificadas como GG toda e qualquer atividade que não tenha fim competitivo.

No Brasil, também identificamos a presença de manifestações gímnicas de grande área, ou GG de grande área, seguindo os mesmos ideais em relação ao governo militar que vivenciamos de 1964 a 1984.

Atualmente, a ginástica de grande área não possui representatividade no Brasil e permanece ou ressurge na Europa com ideais aparentemente diferentes dos anteriormente utilizados, pois já existem grupos que se organizam de forma participativa para a realização de festivais de grande área. É o caso da Associação Tcheca de Esporte pra todos – SPV. Já a GG como um todo está cada vez mais presente em diferentes lugares: na escola, nos clubes, nas associações civis, nas faculdades de Educação Física e nas Universidades.

Tem-se notícia de que o estudo científico mais antigo, acerca da ginástica geral no Brasil, seja o de Brochado & Brochado, resultado do primeiro curso sobre o assunto ocorrido na década de 1980.

Para SOUZA & GALLARDO (1997, p. 35), citado por SOUZA & GALLARDO (1994) GG é:

[...] uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica etc) integrando-as com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, teatro,

mímica etc) de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes.

Dizer que a GG é formada pela ginástica artística, ginástica rítmica e demais modalidades esportivas “oficializadas” pela FIG é “sem dúvida nenhuma” reduzi-la a outro fenômeno, ou, na verdade, é a perda de identidade de uma área, no caso a ginástica em função de outro fenômeno, o esporte. Sugiro aqui que pensemos diferente. Pensemos que a GG é uma prática corporal composta por gestos gímnicos, que pode-se dizer, são os movimentos básicos do ser humano, criados e constantemente transformados (ressignificados), de acordo com a expressividade do praticante e das propostas de espetáculo a que se destinam. Outros fatores também podem influenciar a criação da gestualidade de um espetáculo de GG. A ginástica existe independente do esporte, mesmo estando em alguns momentos interligados, mas um define-se sem o outro, ou deveria ser.

Na definição apresentada anteriormente, podemos visualizar a amplitude de seu conceito em relação aos participantes. A GG realmente pode ser possível a todos os interessados, basta estar disponível à troca, aberto ao conhecimento do outro. A GG não restringe as possibilidades, ela amplia a adesão para toda e qualquer pessoa, independente de origem, de raça, etnia, crença, sexo, idade, condição técnica e social.

Vimos que a ginástica é a prática sistematizada de movimentos corporais, que tem na história de sua criação uma forte relação com aspectos da saúde, militares, estéticos, pedagógicos, de lazer e esportivos e observa-se, na grande maioria das vezes, a não valorização do indivíduo praticante. A ginástica carrega consigo os princípios da dominação, da retidão e da igualdade dos corpos porém, a GG abre espaço para um novo olhar, para a possibilidade de vermos a ginástica resgatando uma possível origem nas apresentações de rua da Idade Média e do Renascimento (SOARES, 1998).

Este novo olhar vem agregar outras ações, a valorização do indivíduo praticante, com aproximações a diferentes linguagens. Em ROBLE (2001, p. 162), “só a revitalização constante é que mantém um fenômeno vivo e esse processo advém, também, do intercâmbio com outras linguagens e da diluição entre as fronteiras.”

Ao nos prendermos, ou mesmo apenas utilizarmos a definição de GG apresentada pela FIG, estamos colocando a GG junto a um grupo de práticas corporais que seguem determinações internacionais para sua prática e possíveis encontros.

A GG, que queremos mostrar com essa pesquisa, está em outro campo, não pertence a este espaço deveras delimitado. Ela possibilita a ampliação, o diferente, o inusitado, é expressão de arte. Busquemos em Ayoub (2003, p. 68) um quadro bastante elucidativo em relação às possibilidades da GG (ginástica de demonstração) e da ginástica de competição:

Quadro 3 – Paralelo entre a ginástica geral e as ginásticas de competição.

Ginástica Geral	Ginásticas de competição
Abrangente: ilimitado número de participantes	Seletivas: limitado número de participantes
Não existem regras rígidas pré-estabelecidas	Regras rígidas pré-estabelecidas
Caminha no sentido da ampliação	Caminha no sentido da especialização
Comparação informal: não há vencedores ou “todos são vencedores”	Comparação formal, classificatória e definida por pontos: busca-se um vencedor
Visa, sobretudo, ao prazer	Visam, sobretudo, ao vencer

Fonte - Ayoub (2003, p. 68)

Independente da sua forma de criação, e principalmente do órgão criador, mas sem negligenciá-la ou simplesmente esquecê-la, olhemos a GG hoje como resultado de transformações causadas pelos seres sociais que somos e por “A ginástica, como qualquer outro fenômeno humano, varia ao longo dos muitos momentos sociais vividos.” (Roble, 1999, p.55).

Podemos identificar a GG como sendo uma prática corporal que faz uso de movimentos sistematizados e classificados como “fundamentos gímnicos”, mas não somente, intencionados ao espetáculo, realizados pelo prazer e para isso, deve ser resultado de pesquisa estética com finalidade expressiva e artística. A GG é uma das formas de arte de representação, é a parte da ginástica que mais se aproxima da arte e se distancia das características limitantes do esporte moderno (rendimento, hierarquização, organização burocrática e publicidade e transparência) e das diretrizes militares de ordem e disciplina, como nos apresenta Proni (2002, p.41) sobre o esporte moderno.

No esporte, as diferenças culturais entre povos não são valorizadas e de certa forma são esquecidas, pois sua organização burocrática possibilita a “seres” diferentes “disputarem” sob as mesmas regras. É a vivência da igualdade. Na GG, as diferenças culturais podem ganhar espaço, e são, de certa forma, muito bem vindas. A busca pelo não-convencional

no mundo da ginástica segue preceitos da descoberta, da criação. Diferente das ginásticas de competição, ela possibilita a pesquisa do gesto, a construção individual ou coletiva, a expressão. Sendo assim pode ser sempre inusitada, inovadora, agradar ou desagradar, mas não ser julgada por “erros” ou “acertos”, já que estes são conceitos bem peculiares e que variam de cultura pra cultura.

Pensemos então a GG como a parte da ginástica que permite o excesso, o maior esforço para a realização do belo e que sua eficiência amplia também a definição de saúde, que é expressão do inusitado, criando diferentes estéticas. Defendemos aqui que o espetáculo qualifica a GG, apresentado por coreografias, e portanto deve preocupar-se com pesquisas que envolvam a composição de uma cena: como a gestualidade, a utilização ou não de música, os elementos cênicos, o figurino, a utilização do espaço, o indivíduo e o coletivo e a cenografia.

Por ser arte de representação, a GG está suscetível a apresentar as performances mais surpreendentes, os espetáculos mais improváveis ou até mesmo o óbvio, se este for resultado de um processo de pesquisa e não meramente “cópia” de gestos prontos e “valiosos”. Para PAVIS (1999, p. 141) apud ROBLE (2001, p.163):

[...] é espetáculo tudo o que se oferece ao olhar. O espetáculo é uma categoria universal sob as espécies pela qual o mundo é visto. Este termo genérico aplica-se à parte visível da peça (representação), a todas as formas de artes da representação (dança, ópera, cinema, mímica, circo etc) e a outras atividades que implicam uma participação do público (esportes, ritos, cultos, interações sociais).

Para dizer que a GG é arte ou que pode estar bem próximo de ser, temos de ter em mente “que tal palavra pode significar coisas muito diversas, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe.” (GOMBRICH, 1999, p.15).

A arte movimenta sensações internamente nas pessoas, sensações essas que podem ser boas ou ruins, a idéia aqui não é o julgamento de tal fato, e sim o entendimento de tal manifestação. Está diretamente ligada ao prazer ou desprazer, mas sempre fundamentada em sensações íntimas. Tocar as pessoas no seu íntimo não é tarefa fácil ainda mais no mundo em que vivemos, onde as relações estão cada vez mais distantes. Passamos por um momento histórico onde as fronteiras inexistem virtualmente, mas não conhecemos nossos vizinhos.

Federici (2004. p.64) em sua pesquisa sobre o ofício cômico apresenta-nos que “para revolver o lodo da patética e patológica inalterabilidade do normal, existe a arte; só para

chocar concepções de mundo que cristalizam ao deixarem de ser ao menos pensadas e restituí-los uma permeabilidade entupida”. Isso é arte.

A arte só existe na comunhão entre a tentativa do artista em conseguir externalizar seus sentimentos e sensações como produto de reflexões, críticas e pesquisa e a apreciação do espectador, o “tocar” quem assiste. Em ROBLE (2001, p.163), isso é fruir, que significa “desfrutar, gozar de algo (...) no âmbito do espetáculo é a capacidade que o trabalho apresentado tem de fazer com que o espectador mergulhe em sua estética e se sinta participante daquele tema.”

Para Roble (1999, p.56), “A magia que se estabelece entre quem faz o espetáculo e o público que o assiste, a experiência estética que nisso se molda, são elementos que estão no universo da arte sendo fatores de expressão e não de mera reprodução.”

Podendo estar a GG diretamente ligada ao prazer, à beleza e à expressão, e estas são características subjetivas e pessoais, o produto final de uma obra, que é sempre processo, não necessariamente agrada a todos, e nunca o fará.

“Saber expressar-se não é atributo exclusivo ao ator teatral, mas sim condição necessária a todo intérprete e que no caso da GG pode ser traduzida como domínio corporal” (Roble, 1999, p. 58). E vamos além, não apenas domínio corporal, mas “presença de cena”, que entendemos como sendo a maneira que o intérprete irá utilizar-se para externalizar seus sentimentos e sensações, seria o resultado de uma pesquisa gestual.

Como espectadores de um espetáculo, seres dotados de criticidade, inteligência e sensibilidade, podemos identificar quando uma obra é resultado de todo esse processo de encontro entre sensações de quem produz e de quem observa, da pesquisa para a construção de cada gesto, pois a obra é viva, caso contrário, a vemos morta, sem vida em cena.

A GG vem para ampliar as possibilidades da ginástica, ou das ginásticas e assim abre caminho para um processo bastante interessante de execução, podendo valorizar os participantes desse processo, dando a eles possibilidades de decisões e participação na escolha e construção de seu gesto.

Na GG, o produto final é o espetáculo e para tanto, faz-se necessário o público. Este não precisa ser externo ao grupo que irá apresentar-se, o espetáculo pode e deve ser inicialmente publicado entre seus pares, no ambiente de ensaio/treino. O ensaio é a potencialidade de surgimento de algo novo, é a experiência, sem se importar com os erros, é o

espaço da criação. O treino é o momento que se faz para aperfeiçoar, para extrair os erros e enfatizar os acertos. Ensaio e treino devem caminhar juntos, conectados e, por vezes, interpostos.

Vale ressaltar que, mesmo sendo este o produto final, o processo para a construção coletiva deste tem o mesmo valor ou, em certos grupos, é ainda maior. O que se conhece atualmente como sendo GG é, sem dúvida nenhuma, apreciado em diferentes espetáculos, em diferentes contextos.

2.3 A ginástica geral para o Grupo Ginástico Unicamp

O Grupo Ginástico Unicamp (GGU) é a maior referência brasileira na área da ginástica geral.

O grupo Ginástico UNICAMP (GGU) foi criado em 1989, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como projeto de pesquisa que tem como principal objetivo fundamentar a prática da Ginástica Geral na Educação Física Escolar e Comunitário, oferecendo um banco de idéias aos professores que pretendam desenvolver essa atividade [...] (PAOLIELLO, 2008, p.193)

A idéia de reunir atletas e ex-atletas de modalidades gímnicas para a criação de um espetáculo a ser apresentado na VI Gimnasiada Americana em Buenos Aires. (SOUZA, 1997) gerou frutos e após 5 anos de intensa produção pública o grupo ganhou suporte científico e tornou-se também um Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral reconhecido pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

A base de sustentação da atuação do GGU é a socialização/sociabilização, entendida como “o processo de aquisição de normas e regras de convívio social dentro do grupo familiar e socialização como a adequação do indivíduo às regras de convívio social numa esfera mais abrangente (escola, comunidade, nação etc).” (SOUZA, 1997, p. 82). Esse processo é contemplado metodologicamente por dois princípios básicos, a formação humana e a capacitação, sendo que a capacitação é a apropriação de habilidades corporais e a formação humana é a vivência de valores humanos. Para o GGU, a formação humana deve ser privilegiada em relação à capacitação, sem desmerecer nem negligenciar este espaço. (SOUZA, 1997).

O GGU possui importantes pontos norteadores de sua proposta, Pérez Gallardo & Souza (1995):

- O incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo.
- O conteúdo utilizado parte das experiências individuais, socializadas a fim de servirem de base para a exploração de todo o grupo.
- A liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal.
- O resgate dos valores culturais de cada grupo social.
- O prazer na atividade (ludicidade).
- A promoção da cooperação e da participação.
- A experimentação de diferentes formas de organização social.
- A elaboração e respeito às normas, regras e regulamentos criados pelo grupo.
- O estímulo à auto-superação e à criatividade.
- A possibilidade de participação de todos os membros da sociedade (criança, adultos, idosos, deficientes etc).
- A discussão crítica-superadora das diferentes manifestações da cultura corporal que sejam utilizadas.
- O aumento da interação social.
- A demonstração das composições como produto final do processo educativo.

O desenvolvimento da proposta de ginástica geral do GGU possui duas partes, “uma destinada ao aumento da interação social e à vivência e exploração de inúmeras possibilidades de movimento e a outra direcionada para a utilização e exploração dos recursos que o material proporciona” (SOUZA, 1997, p. 91).

Como pudemos ver no decorrer desse capítulo, as definições ampliadas de QV, que incluem uma visão do sujeito social nas suas abordagens relacionam-se perfeitamente com essa proposta de prática corporal chamada ginástica geral.

Capítulo 3

Análise e discussão dos dados

Neste capítulo, iremos analisar diferentes dados que possam aproximar a ginástica geral, que acontece em diferentes contextos, à idéia de prática corporal propícia à melhora da qualidade de vida de seus praticantes. Para tanto, utilizamos dois caminhos: analisar depoimentos de 13 ginastas de ginástica geral presentes na pesquisa de Souza (1997) e também analisar os resultados das observações a grupos de ginástica geral.

Utilizamos o questionário WHOQOL-100¹² da OMS como base para as duas análises. Na pesquisa de Souza (1997), utilizamos as respostas de 13 ginastas, pertencentes a um grupo de GG, e na observação, visitamos 3 diferentes grupos de ginástica geral.

3.1. Parte 1 – Análise de conteúdo dos depoimentos

Souza (1997), em sua pesquisa de doutorado, apresentou a ginástica geral como área de conhecimento da educação física. Em sua trajetória metodológica, realizou diferentes experiências, dentre elas, a elaboração e aplicação de um questionário a praticantes de ginástica geral de um grupo específico. Ao termos contato com tal pesquisa, optamos por utilizar os referidos depoimentos e analisá-los verificando se há presença, nas referidas respostas, de que a ginástica geral é uma prática corporal que possibilita a melhora da QV de seus praticantes.

Sendo assim, os depoimentos foram observados detalhadamente seguindo, como princípios norteadores, alguns itens do questionário WHOQOL-100 da OMS e para a análise dos dados obtidos com tal observação utilizamos a análise de conteúdo de comunicações proposta por Bardin (1977).

No ano de realização da pesquisa, 1997, a autora era coordenadora do grupo¹³ e tinha como objetivo identificar nos discursos dos entrevistados, a presença de indícios acerca da formação humana e capacitação, princípios que orientam a proposta de GG do GGU. A seguinte pergunta foi feita aos 15 integrantes do grupo: *qual o significado de sua participação como integrante do Grupo Ginástico Unicamp?* Treze respostas foram devolvidas, o que caracterizou o grupo controle.

¹² O WHOQOL – 100 é constituído de 6 domínios e 24 facetas.

¹³ A referida autora, na época, dividia a coordenação do Grupo Ginástico Unicamp com o profº Drº Jorge Sérgio Pérez Gallardo.

O grupo era composto por 11 mulheres e 2 homens com idade entre 22 e 30 anos, dos quais 07 são atualmente integrantes do GGU e 06 são ex-integrantes. Deste total 10 foram formados pela UNICAMP, 02 pela PUC e 01 pela UNESP. Com relação à sua atuação profissional, 06 são professores em escolas, 05 são técnicos de ginástica em clubes e 02 trabalham em ambas instituições. (SOUZA, 1997, p. 104)

Tivemos acesso à íntegra das respostas recebidas pela autora¹⁴ e constatamos a riqueza de tal material. Com isso identificamos no questionário WHOQOL-100 os domínios de maior aproximação com a educação física e, partindo desses, elencamos as facetas que os compõem para podermos aprofundar algumas análises utilizando a análise de conteúdo de Bardin (1977).

A análise de conteúdo é:

[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, p7, 1977)

Esta análise possui duas funções, uma heurística que “enriquece a tentativa exploratória” e a outra seria uma função de administração da prova, que vem a ser a análise sistemática de hipóteses (BARDIN, p 25, 1997).

A análise de conteúdo organiza-se em três partes: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A pré-análise é:

[...] a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de instituições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN, p 89, 1977)

Este primeiro procedimento da análise de conteúdo é composto por diferentes operações – leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objectivos, a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, e por fim a preparação do material.

¹⁴ Ver SOUZA (1997) anexo 8.

A segunda fase seria a exploração do material, após a primeira etapa deve-se administrar sistematicamente os dados, codificá-los.

A última etapa é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos mesmos. De acordo com Bardin (1977, p 95), “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos.”

Ao analisarmos os depoimentos, não nos interessa a descrição dos conteúdos dos mesmos, mas sim o que poderemos aprender com tais informações após serem tratadas.

Os depoimentos apresentados por Souza (1997) foram escolhidos devido a riqueza do material encontrado. Porém esperamos conseguir atingir o seguinte objetivo: mostrar que a qualidade de vida de praticantes de ginástica geral pode ter melhora devido a esta prática. Buscamos encontrar indícios, nestes relatos, que comprovem tal inquietação.

Seguindo as fases da análise de conteúdo, partimos agora para a codificação das unidades de registro, tomando como referência de análise, tópicos retirados do questionário WHOQOL-100. Souza (1997, p.114), ao analisar tais depoimentos, e utilizar também a análise de conteúdo, o faz partindo dos princípios da formação humana e capacitação, propostas por Maturana e De Rezepka (1995), de acordo com os objetivos de sua pesquisa na época.

Neste trabalho, observamos o documento da OMS por inteiro e conseguimos fazer diversas aproximações com a área da educação física em geral e especificamente com a ginástica. Para a análise completa dos dados obtidos, selecionamos os itens que podem vir a contemplar o praticante de ginástica geral, observando esta prática e este praticante de forma completa, sem segmentações. Selecionamos inicialmente os domínios e as facetas, em seguida buscamos encontrar, nas respostas dos entrevistados por Souza (1997), tais itens ou indicações destes. Assim como no trabalho de Souza (1997), decidiu-se nesta pesquisa utilizar cada depoimento como unidade de contexto. Como unidade de registro, optamos por identificar sentenças que possam mostrar temas relacionados aos domínios do questionário WHOQOL que foram selecionados para esta análise. São eles: domínio psicológico, nível de independência, relações sociais e meio ambiente. Após esta seleção, definimos como sendo as categorias de análise as seguintes facetas do WHOQOL-100:

1- Domínio psicológico

Sentimentos positivos

Pensar, aprender, memória e concentração

Auto-estima

2- Nível de Independência

Atividades da vida cotidiana

Capacidade de trabalho

3- Relações Sociais

Relações pessoais

Suporte (apoio) social

4- Meio ambiente

Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade

Segurança física e proteção

Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades

Participação em, e oportunidades de recreação/lazer

3.1.1 – Unidades de Registro

Assim como Souza (1997), utilizamos os depoimentos dos treze praticantes de ginástica geral como nossas unidades de contexto e ao analisarmos estas unidades, tendo os itens acima apresentados como categorias de análise, identificamos as unidades de registro apresentadas a seguir:

Unidade de registro da unidade de contexto 1

- 1- Compartilhar alegria e o prazer de fazer ginástica
- 2- Proporcionar alegria, satisfação, disciplina, democracia, ato criativo, respeito e cooperação
- 3- Proporcionar ritmo e noção de conjunto
- 4- Ter experiências de grupo (gentileza, paciência, respeitar o espaço do outro, organizar uniformes e materiais)
- 5- Atentar-se ao senso estético
- 6- Poder confiar nos coordenadores
- 7- Conhecer a cultura local de outros lugares

8- Refletir sobre nosso estilo de vida

9- Estar entre amigos

Unidade de registro da unidade de contexto 2

10- Conviver com pessoas de idade diferente

11- Conviver com pessoas com histórias de vida e personalidades diferentes

12- Valorizar as diferenças das pessoas

13- Aproveitar o melhor que cada pessoa pode oferecer

14- Aquisição de repertório de soluções pedagógicas

Unidade de registro da unidade de contexto 3

15- Fazer ginástica

16- Relacionar-se com outras pessoas

17- Crescer pessoalmente

18- Aprender mais sobre ginástica

19- Integrar-se com o grupo

20- Demonstrar prazer em mostrar os trabalhos

21- Crescer profissionalmente

22- Trocar conhecimento entre os integrantes

23- Mostrar idéias e oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional

Unidade de registro da unidade de contexto 4

24- Atividade prazerosa

25- Proposta para enriquecer a educação física escolar

26- A criação e montagem de coreografias, planejamento dos treinos, apresentações e viagens
– contribuição para formação profissional

27- Importância do ponto de vista cultural e social

28- Amizades firmadas no convívio do grupo

29-Experiências enriquecedoras e únicas

Unidade de registro da unidade de contexto 5

30-Melhor momento da vida em relação à ginástica

31-Prioridade na vida do participante

32-Superação

33-Realização de desejos

Unidade de registro da unidade de contexto 6

34-Satisfação pessoal relacionada à prática de atividades físicas

Unidade de registro da unidade de contexto 7

35-Realizar-se como ginasta

36-Aproveitar as experiências de cada integrante

37-Ter orgulho em fazer parte do grupo

38-Reconhecer o trabalho de atleta

39-Criar vínculos de amizade

40-Organizar eventos extra-treinos

41-Ter a oportunidade de viajar para muitos lugares

42-Respeitar a individualidade

43-Fazer ginástica pelo prazer da prática

44-Ter exemplo de valores para a atuação profissional

45-Respeitar às limitações e opiniões alheias

46-Trocar conhecimentos entre áreas

47-Ter sucesso no trabalho devido ao grupo

48-Ter a oportunidade de trabalhar em conjunto

49-Ter com quem conversar

Unidade de registro da unidade de contexto 8

- 50- Dar continuidade a minha vida desportiva como ginasta
- 51- Contato com outras culturas e outras linhas pedagógicas
- 52- Realizar-se no lado pessoal e de relacionamento humano
- 53- Atividade social extremamente enriquecedora
- 54- Convívio com pessoas diferentes, de idades diversas, com idéias das mais variadas, personalidades e temperamentos distintos
- 55- Aprender ouvir, calar, falar, opinar, discordar, trabalhar, ceder, doar, abster-se, respeitar e no final desfrutar do bom resultado deste processo
- 56- Estar feliz

Unidade de registro da unidade de contexto 9

- 57- Oportunidade de praticar de forma prazerosa a ginástica
- 58- Oportunidade de manter-se em constante atualização profissionalmente
- 59- Proporcionar contato entre amigos nos treinos
- 60- A experiência de se apresentar e as viagens são fatos marcantes

Unidade de registro da unidade de contexto 10

- 61- Oportunidade de se fazer ginástica
- 62- Possibilidade de, ao mesmo tempo, praticar e refletir sobre a prática
- 63- Liberdade de sugestões e experimentações
- 64- Ampliação do vocabulário motor e criativo
- 65- Mostrar os resultados dos treinos divulgando a ginástica geral
- 66- Possibilidade de intercâmbio motor e cultural
- 67- Oportunidade de se deparar e superar as próprias limitações de execução de exercício
- 68- Cooperação na vida em grupo
- 69- Desenvolvimento pessoal
- 70- Todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo

Unidade de registro da unidade de contexto 11

- 71- Continuar praticando ginástica
- 72- Praticar pelo prazer e não por rendimento
- 73- Valor educativo da ginástica geral
- 74- Significado importante em nível pessoal, em termos de relacionamento com outras pessoas
- 75- Vivenciar amizades e companheirismo

Unidade de registro da unidade de contexto 12

- 76- Completar uma finalização de carreira de ginasta
- 77- Retomada da rotina de treinos
- 78- Convivência com outras ex-ginastas
- 79- Responsabilidade pelo sucesso ou fracasso nas apresentações
- 80- Poder opinar

Unidade de registro da unidade de contexto 13

- 81- Motivo de prazer e alegria
- 82- Continuar praticando ginástica
- 83- Espaço prazeroso para fazer ginástica
- 84- Superar seus próprios limites e conhecer novas possibilidades
- 85- Vivenciar encontros e integração entre as pessoas
- 86- Compartilhar sentimentos como medos, angústia
- 87- Expor-se
- 88- Espaço de aprendizado, de exercício da democracia
- 89- Participação incentivada e valorizada
- 90- Motivação para estudos de pós-graduação

3.1.2 – Categorização

Após análise das entrevistas, partindo dos domínios do WHOQOL-100 e de facetas previamente selecionadas, apresentamos os quadros abaixo, compostos pelas categorias e com o que foi identificado nas respostas pesquisadas:

Quadro 4 - categorias de domínio psicológico

Domínio psicológico	depoimentos
- Sentimentos positivos	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13
- Pensar, aprender, memória e concentração	1, 2,3,4,5,7,08,9,10,11,13
- Auto-estima	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13

Quadro 5 – categorias de nível de independência

Nível de Independência	depoimentos
- Atividades da vida cotidiana	8,9,10,12
- Capacidade de trabalho	1,2,3,4,7,8,9,10,11,12,13

Quadro 6 – categorias de relações sociais

Relações Sociais	depoimentos
- Relações pessoais	1,2,3,4,7,8,9,10,11,12,13
- Suporte (apoio) social	1,2,3,7,8,10,13

Quadro 6 – categorias de meio ambiente

Meio ambiente	depoimentos
- Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade	1,2,3,4,6,7,8,9,10,11,12,13
- Segurança física e proteção	
- Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades	1,2,3,4,7,8,10,13
- Participação em, e oportunidades de recreação/lazer	1,3,4,7,9,11,13

3.1.3 – Síntese das unidades de registro por categoria

- Categorias relacionadas ao domínio psicológico

Sentimentos positivos

Para o levantamento sobre os sentimentos positivos selecionamos os sentimentos que foram vivenciados de alguma forma entre os praticantes deste grupo. Sentimentos como alegria, prazer, orgulho, satisfação, respeito, confiança, superação pessoal, realização, liberdade em dar sugestões. Também identificamos qualidades individuais ou do grupo que nos levam aos sentimentos positivos: gentileza, amizade, ambiente democrático, paciência, cooperação. A convivência com pessoas de diferentes idades e outras histórias de vida (e poder compartilhá-la). Conhecer pessoas, lugares, culturas. Outros aspectos presentes foram a relação entre a vivência no grupo e o aumento de oportunidades de trabalho. Além disso, a oportunidade de manter-se atualizado em relação à área. A possibilidade de continuar praticando ginástica, acrobacias, manipulações. Ao analisarmos as respostas, identificamos presença ou menção a sentimentos positivos nas seguintes unidades de registro: (1,2,4,6,9,10,11,12,13,14,16,17,19,20,21,22,23,24,28,29,30,32,33,34,35,36,37,38,39,42,43,44,45, 47,51,52,54,55,56,57,58,59,60,61,62,63,65,66,67,68,69,71,72,73,75,78,79,80,81,

Pensar, aprender, memória e concentração.

A vivência no grupo proporcionou a possibilidade de aprender muitas coisas: criar, cooperar, respeitar, organizar-se como grupo, convivência em grupo, valorização de cada indivíduo, integrar-se, trocar experiências, conhecer. Apresentar-se, ensaiar e treinar requer muita disciplina, reflexão, concentração, memória, organização. Aprendizagens em relação ao trabalho. Esta faceta foi identificada nas seguintes unidades de registro: (2,4,5,8,10,11,12,13,14,18,19,22,26,30,36,42,43,45,48,51,54,55,57,58,62,66,67,68,73,85,88)

Auto-estima

A possibilidade de estar entre amigos, conhecer pessoas, respeitar as individualidades, valorizar-se como pessoa, como praticante de GG, crescer. Expor-se, realizar-se e ter motivação para se superar. Ter orgulho do que faz e para quê faz. Estar feliz, sugerir, ser ouvido, ouvir. Poder chamar alguém de amigo, ser amigo. Síntese de unidades de registro que apresentaram a auto-estima como qualidade deflagrante no discurso:

(9,12,13,16,17,20,21,24,30,32,34,35,36,37,42,49,50,52,56,57,61,63,67,68,69,74,75,76,79,80,81,83,85,87,89)

- Categorias relacionadas ao nível de independência

Atividades da vida cotidiana

Sabe-se que o grupo que respondeu esta questão é formado por ginastas. Sendo assim, consideramos como atividades da vida cotidiana a prática corporal ginástica. Outro aspecto bastante relevante para este tópico é o trabalho formal, o qual muitos estão inseridos já profissionalmente ou em vias de fazê-lo, tornando este um importante item para atividades da vida cotidiana. Porém outras menções também serão elencadas. Possibilidade de novos aprendizados para o trabalho, atualização profissional. Continuar praticando ginástica, para aqueles que o faziam esportivamente e em outra época da vida. A presença de menção às atividades da vida cotidiana foram encontradas nas seguintes unidades de registro: (77,82)

Capacidade de trabalho

Entendemos aqui esta capacidade como sendo possibilidades de criação gestual, realização corporal e também aprendizagens para o trabalho formal. Aprendizagem de ritmo, conhecimento de novas pedagogias, trabalho em conjunto. Realizar os movimentos da ginástica, sejam eles básicos ou complexos e também, para alguns, a possibilidade de continuar praticando ginástica. Sendo assim, encontramos as seguintes unidades de registro relacionadas: (3,14,15,18,22,26,46,48,50,57,61,67,77,82)

- Categorias relacionadas a relações sociais

Relações pessoais

Muitas vezes identificamos a presença de menção ao pertencimento a um grupo como algo de grande relevância em relação às relações sociais/pessoais. Valorização à convivência em grupo, com diferentes pessoas, interação, possibilidade de conhecer pessoas, grupos, trocar informações, fazer amizades verdadeiras. Encontros fora do ambiente de treino, indicação para novos trabalhos. Pessoas para compartilhar medos e angústias.

(1,2,3,4,6,7,9,10,11,12,13,16,19,22,27,28,36,37,41,42,45,48,52,53,54,55,59,63,68,69,70,74,75,78,85,86)

Suporte (apoio) social

Saber conviver em grupo, auxiliar, respeitar, saber ouvir, falar, calar, valorizar, incentivar, parabenizar, ceder, doar-se, trabalhar em conjunto, resolver problemas, compartilhar sentimentos e sensações, superar limites. Estar preparado para sugerir, pois as pessoas estarão preparadas a escutar.

(2,3,4,12,13,22,36,48,55,63,68,70,84,86)

- *Categorias relacionadas ao meio ambiente*

Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade

Proporcionar alegria, satisfação, respeito, cooperação, estar entre amigos. Oportunidade de crescimento pessoal e profissional, de encontros, de aprender com o outro e ensinar também. Ser esta uma atividade social. Felicidade, liberdade, responsabilidade, aprendizado.

(2,4,6,7,9,10,11,12,13,16,19,22,26,28,34,36,39,40,41,42,45,48,51,52,53,54,55,56,59,60,63,66,68,69,70,74,75,78,79,80,85,86,87,88)

Segurança física e proteção

Não foi identificada nenhuma menção a este tema.

Oportunidade de adquirir novas informações e habilidades

Aprendizados relacionados à formação pessoal e profissional. Aprender novos movimentos da ginástica. Possibilidade de reflexão, de conversas, de trocas. Ensinar o que sabe e aprender com o outro sempre. Aprender a se superar, a expor-se.

(5,7,8,13,14,18,22,25,26,36,46,51,54,55,67,68,70,84,87,88)

Participação em, e oportunidades de recreação/lazer

Encontros extra-treinos. Viagens. Prazer presente nos encontros.

(1,20,24,40,41,43,60,72,81,85)

3.2. Parte 2 - As observações dos grupos de ginástica geral selecionados.

Novamente o WHOQOL-100 serviu de ponto de partida para a constituição dos itens de observação dos grupos de ginástica geral selecionados, apresentaremos aqui a trajetória metodológica de tais observações e análise das mesmas, assim como características dos grupos visitados.

A observação dos domínios deste questionário levou-nos a identificar alguns que pudessem evidenciar ações deflagrantes, ao observador, a respeito da QV e possibilitassem a abertura de um diálogo entre a QV e a GG. Partimos dos domínios e criamos questões pertinentes a cerca da QV. A escolha pela observação se deu devido ao tempo para esta parte da pesquisa e também ao número de visitas e visitados que vislumbramos. Acredita-se que a observação possa mostrar peculiaridades que nos comprovem a influência da prática da GG na QV de seus praticantes.

Compõem esses itens:

- - Aspectos Ambientais: relacionados ao ambiente onde se realiza a prática: local; sonoridade/barulho; aparência estética; limpeza.
- - Aspectos Sociais: relacionados às relações sociais estabelecidas; As pessoas se cumprimentam?; Como se organizam para a prática?; As pessoas se auxiliam?; De que forma?; Um pode contar com o outro para necessidades da prática?; Qual o clima no ambiente de prática?; Há alegria?
- - Aspectos sobre segurança física e proteção: que vão além do que o termo quer dizer. Pensa-se em consciência corporal, aquisição de habilidades que possibilitem a execução de movimentos corporais gímnicos que, por sua vez, permita a permanência em um grupo de GG. Como se dá esse ensinamento?; O ambiente é organizado para preservar a integridade física dos praticantes?
- - Aspectos de cuidados com a saúde: as orientações para segurança física são passadas de que forma?; Como é o cuidado com aqueles que estão machucados ou se machucam durante o treino ou ensaio?
- - Aspectos relacionados à aquisição de novas informações e habilidades: como se dá esse processo?; Há trocas de conhecimento entre os participantes?
- - Aspectos relacionados à imagem corporal e aparência física: observar as características físicas dos participantes; As roupas valorizam ou escondem as formas do corpo?; Há relação com algum tipo de assédio?

Para selecionarmos os grupos que seriam visitados, decidimos por escolher grupos que fossem diferentes entre si em relação ao contexto inserido e que trabalhasse com GG há pelo menos 6 meses. Solicitamos então uma lista de contatos de grupos de GG que participaram de alguma edição do Fórum Internacional de Ginástica Geral, que já está em sua 4ª edição e foram realizados vários contatos via *e-mail* e pessoalmente. Pré-selecionamos 8 grupos e optamos por visitarmos 3, devido à profundidade da análise dos dados obtidos nas visitas.

Os grupos selecionados foram os seguintes:

- Grupo de Ginástica Geral do Programa Ame a Vida sem Drogas/FEAC – Campinas/São Paulo.
- Escola de Ginástica da Faculdade de Educação Física do UNIPINHAL.
- Grupo de Ginástica Geral da APAE de Mogi Mirim.

3.2.1 – Grupo 1 – Programa Ame a Vida sem drogas / oficina de Ginástica Geral

O programa Ame a Vida sem Drogas acontece há 9 anos em escolas públicas e/ou entidades sociais da cidade de Campinas e tem como objetivo fomentar a inclusão de uma proposta de “Prevenção Primária” ao consumo de substâncias psicoativas no projeto pedagógico das instituições participantes, de modo a efetivá-las como importante agente na rede de proteção integral à criança e ao adolescente. O programa acontece por meio de oficinas de arte-educação e nestes nove anos de existência já tiveram diferentes delas como, por exemplo: oficina de ginástica geral, oficina de palhaço, oficina de atividades circenses, oficina de *rope skipping*, oficina de capoeira, oficina de dança e percussão entre outras. Estas oficinas têm suas ações direcionadas a crianças e adolescentes de 7 a 17 anos.

A oficina de GG visitada para esta pesquisa acontece na Escola Estadual Campo Grande II, bairro da região periférica da cidade de Campinas. As aulas acontecem uma vez por semana com duração de 1 hora e 30 minutos, sempre no período contrário ao da escola. Os espaços para as aulas são uma quadra de cimento descoberta e o pátio coberto. Esta oficina atende crianças de 6 a 11 anos, todas estudantes da escola. Há atualmente 4 turmas, de 20 crianças cada, acontecendo nesta escola, totalizando 80 participantes. Optamos pela visita à turma, que acontece às terças-feiras das 8h às 9h30min.

Neste primeiro quadro, podemos identificar os itens que são: muito presente, presente ou ausente no local de prática.

Quadro 8 – Grupo 1a

Item	Muito presente/	Presente	Ausente
Sonoridade/barulho	x		
Limpeza	x		
As pessoas se cumprimentam?	x		
Há auxílio entre os participantes?	x		
Um pode contar com o outro para necessidades da prática?	x		
Há alegria no ambiente de prática?	x		
Nota-se que o ambiente é organizado para preservar a integridade física dos praticantes?		x	
Há orientações para segurança física?	x		
Há cuidado com aqueles que estão machucados ou se machucam durante o ensaio/treino?			
Há trocas de conhecimento entre os participantes?	x		
Há diversidade em relação a características físicas dos participantes?	x		
Há valorização das formas físicas em relação à vestimenta dos participantes?			x
Há indícios de assédio?			x

Há bastante barulho neste ambiente, pois a quadra, descoberta, destinada às aulas, fica ao lado de uma avenida bastante movimentada e com muito comércio. O local estava limpo, aparentava ter sido varrido, porém não aparenta estar totalmente seguro para tal atividade.

Os alunos chegam e se cumprimentam, alguns se aproximam e se beijam outros somente acenam com a mão. A maioria cumprimenta o professor de perto.

O ambiente pareceu bastante alegre e os alunos participativos e interessados, disponíveis a auxiliar os outros. Um aluno sempre auxiliava o aluno seguinte na execução de certa acrobacia. Quando o professor vai propor novos desafios, ele reúne os alunos e explica, preocupando-se em alertá-los sobre a segurança corporal.

Não presenciamos nenhum acidente, com isso, não pudemos identificar se há ou não cuidado com os que se machucam.

Os alunos são corporalmente diferentes, com idades também diferentes e vestem-se com roupas adequadas a prática corporal. Não foi notada a utilização de roupas justas para a valorização das formas corporais, assim como indícios de assédio.

No próximo quadro, classificamos os itens observados em: muito adequado, adequado e inadequado.

Quadro 9 – Grupo 1b

Item	Muito adequado	adequado	inadequado
Aparência estética	x		
Como se organizam para a prática?	x		
De que formas se auxiliam?		x	
Como se dá o ensinamento de novas habilidades?		x	
Como se dá o processo de cuidado corporal com os que se machucam?			

3.2.2 - Grupo 2 – Escola de Ginástica da Faculdade de Educação Física do UNIPINHAL

A escola de ginástica da Faculdade de Educação Física do UNIPINHAL foi fundada no ano de 2001 e tinha como objetivo possibilitar a prática da ginástica rítmica e artística para a comunidade da cidade de Espírito Santo do Pinhal. Como projeto de extensão, a meta era ser espaço de formação complementar e continuada para alunos e ex-alunos do curso de educação física de tal instituição de ensino superior. Atualmente, a escola de ginástica tem como foco principal de prática o trabalho com a ginástica geral.

As aulas acontecem em dois encontros semanais de 1 hora e 30 minutos cada e os participantes são crianças e adolescentes da cidade, com idade que varia entre 3 e 15 anos.

As aulas acontecem em um ginásio amplo, coberto e com pequena arquibancada. Pudemos identificar vários materiais de diferentes ginásticas (de demonstração, de competição e de condicionamento físico).

Neste primeiro quadro, podemos identificar os itens que são: muito presente, presente ou ausente no local de prática.

Quadro 10 – grupo 2a

Item	Muito presente	Presente	Ausente
Sonoridade/barulho			x
Limpeza		x	
As pessoas se cumprimentam?	x		
Há auxílio entre os participantes?	x		
Um pode contar com o outro para necessidades da prática?	x		
Há alegria no ambiente de prática?	x		
Nota-se que o ambiente é organizado para preservar a integridade física dos praticantes?		x	
Há orientações para segurança física?		x	
Há cuidado com aqueles que estão machucados ou se machucam durante o ensaio/treino?			
Há trocas de conhecimento entre os participantes?	x		
Há diversidade em relação a características físicas dos participantes?	x		
Há valorização das formas físicas em relação à vestimenta dos participantes?		x	
Há indícios de assédio?			x

Destacando os aspectos ambientais, quanto à sonoridade e/ou barulho: o local não é acometido por barulho externo, a sonoridade existe apenas quando os professores utilizam música para as aulas. A acústica local não parece adequada. Pudemos identificar a limpeza do local, mas esta não aparenta ser a ideal, encontramos também algumas goteiras.

Os praticantes ao chegarem ao ginásio cumprimentam-se rapidamente e dão ênfase maior ao cumprimento aos professores, direcionando-se na sequência a uma roda de conversa com todos os presentes. Pudemos presenciar a chegada de um novo participante que foi recebido pela professora e acolhido na roda. O novo praticante de GG apresentou-se e ouviu o nome de todos que estavam na roda. Alguns recados foram passados e partiram para uma brincadeira. O clima de alegria está constantemente presente neste grupo e as pessoas são orientadas e incentivadas a auxiliarem-se.

O local aparenta ser seguro para a prática da GG e os praticantes são orientados e constantemente lembrados sobre aspectos de segurança. Quando necessário, as crianças são chamadas e orientadas de forma geral sobre a segurança de cada exercício e material a ser utilizado. Pudemos também presenciar a explicação sendo repetida várias vezes individualmente para quem necessitasse. Os alunos mais velhos também estão atentos aos menores.

Os professores dão atenção quando algum acidente acontece, porém o local não está de nenhuma forma equipado em relação à questão de acidentes.

Além de a professora propor novos movimentos, os alunos também são instigados a criá-los, partindo da proposta de problemas corporais apresentados. Os participantes que sabem algo sempre são encorajados a explicar a todo o grupo.

Encontramos crianças de 3 a 15 anos praticando GG juntas no mesmo grupo. A aparência corporal é diversificada, também por tratar-se de um grupo com bastante diferença de idade. Nota-se nas alunas mais velhas (adolescentes de 13 a 15 anos), um cuidado com a aparência física e a utilização de roupas e utensílios que evidenciam ou mostram suas formas corporais.

No próximo quadro, classificamos os itens observados em: muito adequado, adequado e inadequado.

Quadro 11 – Grupo 2b

Item	Muito adequado	adequado	inadequado
Aparência estética		x	
Como se organizam para a prática?		x	
De que formas se auxiliam?	x		
Como se dá o ensinamento de novas habilidades?	x		
Como se dá o processo de cuidado corporal com os que se machucam?			

A aparência estética local é adequada, o local é pintado, os materiais ficam expostos, porém, organizados.

O grupo é bastante grande. No dia da visita, estiveram presente 28 crianças acompanhadas por dois monitores¹⁵ e a organização para o início foi um pouco demorada. Todos

¹⁵ Alunos do curso de graduação em educação física.

sentam em roda para receber orientações sobre a prática do dia e também conversar um pouco. Os alunos auxiliam uns aos outros, quando solicitados.

O ensinamento de novas habilidades se dá por meio da exploração das possibilidades corporais em diferentes aparelhos. Depois desse momento, há explicação oral e alguma demonstração.

Não presenciamos nenhum momento de acidente, por isso não sabemos como acontecem os cuidados com os alunos que se machucam.

3.2.3 - Grupo 3 – Grupo de dança e ginástica geral da APAE de Mogi Mirim

O grupo de dança e ginástica geral da APAE de Mogi Mirim foi criado este ano por iniciativa da professora de dança da instituição. O grupo é formado por 14 alunos e todos possuem algum tipo de deficiência (mental e/ou física) e síndrome de *down*.

Os alunos se encontram 4 vezes por semana em encontros que duram 1 hora, em dias alternados, terças e quintas.

O espaço destinado à prática é um pátio coberto, com aparelhagem de som e materiais de pequeno porte com predominância de materiais de manipulação.

Neste primeiro quadro, podemos identificar os itens que são: muito presente, presente ou ausente no local de prática.

Quadro 12 – Grupo 3a

Item	Muito presente	Presente	Ausente
Sonoridade/barulho		x	
Limpeza		x	
As pessoas se cumprimentam?	x		
Há auxílio entre os participantes?	x		
Um pode contar com o outro para necessidades da prática?	x		
Há alegria no ambiente de prática?		x	
Nota-se que o ambiente é organizado para preservar a integridade física dos praticantes?		x	
Há orientações para segurança física?		x	

Há cuidado com aqueles que estão machucados ou se machucam durante o ensaio/treino?			
Há trocas de conhecimento entre os participantes?		x	
Há diversidade em relação a características físicas dos participantes?	x		
Há valorização das formas físicas em relação à vestimenta dos participantes?			x
Há indícios de assédio?			x

O local destinado à prática é limpo porém, é o mesmo local onde os alunos tomam lanche. O barulho presente durante as aulas é por conta das outras turmas que se encontram ao redor deste espaço.

Aparentemente, há descontração na realização desta aula e também bastante concentração por parte dos alunos. Por ser um pátio de concreto, nota-se a possibilidade de pequenos acidentes, mas não foi o caso de presenciarmos algum.

Os alunos se auxiliam e sempre perguntam as dúvidas à professora, que orienta cada aluno ou grupo de perto. O ensinamento de novas habilidades se dá pela explicação oral e demonstração. O alunos pouco interferem nas novas propostas.

No próximo quadro, classificamos os itens observados em: muito adequado, adequado e inadequado.

Quadro 13 – Grupo 3b

Item	Muito adequado	adequado	inadequado
Aparência estética		x	
Como se organizam para a prática?		x	
De que formas se auxiliam?		x	
Como se dá o ensinamento de novas habilidades?		x	
Como se dá o processo de cuidado corporal com os que se machucam?			

A minha presença causou estranhamento aos alunos e também à professora, pois esta queria me explicar cada nova proposta.

3.3 – Discussão dos dados

Temos aqui o seguinte cenário: a análise e interpretação dos depoimentos, de 13 ginastas de GG, obtidos na pesquisa de Souza (1997) e a observação dos grupos de ginástica geral selecionados. Espera-se agora que possamos mostrar a GG que se apresenta pelos depoimentos e também a GG que se mostrou nas observações.

Inicialmente, produzimos um material que desse suporte às duas partes dessa pesquisa, tanto para a análise dos depoimentos, quanto para as observações. Esse material baseou-se nos domínios e facetas presentes no questionário da Organização Mundial de Saúde denominado WHOQOL – 100. A utilização de tal questionário como suporte para a elaboração de material próprio não vem colocar-nos como compartilhadores da definição de QV assumida pelo órgão supracitado. Optamos por entender e defender a QV como uma interpretação que leve em conta aspectos da construção social individual e também coletiva proposta por Minayo et al (2000). Ao aproximarmos a GG a este outro universo, também não buscamos nenhuma redução ou evidência, apenas uma possível aproximação entre esta QV ampliada e uma prática corporal que pode vir a influenciá-la diretamente.

Para a análise dos depoimentos, utilizamos a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977).

Nesta análise dos questionários, utilizamos os discursos como nossas unidades de contexto. Quatro, dos seis, domínios presentes no WHOQOL – 100, domínio psicológico, nível de independência, relações sociais e meio ambiente serviram como norteadores para o encontro das unidades de registro. As unidades de registro foram as frases presentes nos discursos que deflagraram a presença de aspectos relacionados às categorias previamente definidas. Estas categorias foram as facetas presentes em cada domínio do WHOQOL-100. Para o domínio psicológico, escolhemos as categorias: 1- sentimentos positivos, 2- pensar, aprender, memória e concentração, 3- auto-estima; para o domínio nível de independência: 1- atividades da vida cotidiana, 2- capacidade de trabalho; para o domínio relações sociais, escolhemos: 1- relações pessoais e 2- Suporte (apoio) social e no domínio meio ambiente, escolhemos: 1- cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, 2- segurança física e proteção, 3- oportunidade de adquirir novas informações e habilidades e 4- participação em, e oportunidades de lazer.

Desta forma, pudemos ter um quadro interessante e elucidativo sobre a aproximação entre a QV e a GG nos depoimentos.

Encontramos um grande número de respostas referentes aos aspectos do domínio psicológico, dando grande ênfase aos sentimentos positivos. Esses sentimentos vão desde sentimentos pessoais, coletivos, qualidades identificadas nos outros participantes, no grupo, até oportunidades de crescimento profissional, tanto em relação a novas oportunidades de trabalho, quanto a novos aprendizados. Satisfação pessoal em pertencer a este grupo. O número de respostas referentes a esta categoria nos leva a pensar sobre a importância significativa e positiva da participação neste grupo. Em todos os depoimentos pudemos identificar algum aspecto relacionado aos sentimentos positivos.

Outra categoria bastante presente nos depoimentos, apenas não encontrada em um deles, foi a relacionada a cuidados de saúde e sociais. Valorizamos aqui as relações sociais e as práticas presentes nos discursos que mostraram cuidados com isso. Poder participar de um grupo de forma completa e vivenciar todos os aspectos que isso quer dizer, valorizando e muito as relações e as oportunidades de construir outras e novas. O convívio com o diferente, a aceitação, a integração, a troca de conhecimentos. As amizades iniciadas ali e que perduram fora daquele ambiente e também a possibilidade de realizar uma prática corporal saudável.

No domínio relações sociais, tanto a categoria de relações pessoais quanto a de suporte (apoio) social foram bastante presentes nestes discursos. As relações sociais que foram criadas neste grupo aparentam ter ocupado também outros espaços e pode ter se fortalecido devido ao ambiente propício, cercado de sentimentos positivos, relacionamentos saudáveis, acesso a novas informações e atualizações, possibilidade de conhecer novas culturas e outras pessoas, valorização de diferenças pessoais ao invés de detrimentos ou comparações. Reconhecimento de cada indivíduo como fator importante, fundamental no grupo e único. Exercício de respeito, cooperação e desenvolvimento pessoal. Ensinar e aprender. E também a importância de reencontrar pessoas de outras épocas e contextos, como, por exemplo os ginastas que competiam entre si, agora treinam juntos, auxiliando o coletivo.

Questões pessoais estiveram presentes na categoria auto-estima e pudemos ver que estar entre amigos auxilia muito nesta percepção. A auto-estima também esteve presente em todos os depoimentos. Sentir-se valorizado pelo grupo, realizar-se, ter momentos de liberdade de expressão, expor-se e oferecer o melhor de si em prol de um coletivo. Ser parte, integrar um grupo, crescer profissionalmente, estar sempre informado de novidades da área, ter prazer em realizar os treinos e as apresentações. Identificar que esse pertencimento é parte significativa em

sua história pessoal. Encontrar espaço para continuar praticando ginástica da forma que sabe e gosta. Superar-se.

Aprender com o outro, ensinar, trocar experiências, foram itens presentes na categoria pensar, aprender, memória e concentração. Estar preparado para uma apresentação, concentração, organização. Aprender e exercitar o senso estético, pensar no todo que compõe uma *performance* particular ou pública. Aprender e criar novos movimentos. Refletir sobre o aprendido, questionar, criticar. Ao mostrar-se aberto ao outro, valorizando-o e valorizando-se, as oportunidades de aquisição de novas informações e habilidades tendem a aumentar. Neste grupo, devido aos aspectos da formação humana e capacitação identificam-se esses aspectos em grande número. Adquirir novas habilidades não é o ponto principal do grupo, mesmo sendo este um grupo destinado a apresentações públicas, mas há espaço para isto também. O senso estético não se prende a modelos externos pré-determinados.

A capacidade de realização dos movimentos necessários às coreografias estiveram presentes nas respostas porém, como dito anteriormente, não foram tão significativos. Ser capaz de orientar-se no espaço, ter ritmo, acompanhar e criar novos movimentos tornando-se, assim, parte do coletivo. Acompanhar e participar da organização completa de uma nova coreografia, aprender com isso, trazer conhecimentos de outras áreas para compor o grupo e, além disso, capacitar-se constantemente com novidades pedagógicas, já que a maioria do grupo atuava profissionalmente na área da educação física e ginástica.

Devido à constante presença da palavra prazer, ao relacionar-se com a prática diretamente, pode-se dizer que esta é uma atividade de lazer, a qual as pessoas escolheram, inicialmente, em seu tempo livre, realizar, tomar parte. Porém, esta é uma discussão que não pretendemos iniciar aqui. O que está posto é que a convivência neste grupo de GG propicia diversas outras formas de lazer, desde festas, jantares, pequenas saídas a grandes viagens internacionais.

Como estamos pesquisando um grupo que se encontrava periodicamente, formado por ginastas e que se apresentavam constantemente, partimos do princípio que seria de seus cotidianos a realização de movimentos gímnicos. Mesmo assim a menção a esta categoria não esteve muito presente nos depoimentos. Quatro entrevistados fizeram menção a isto em relação à permanência na área da ginástica, por terem sido atletas de ginásticas competitivas e encontrarem um espaço para continuarem realizando o que era do cotidiano deles. Porém um

aspecto bastante relevante que completa tais observações é a menção ao prazer como nova forma de fazer ginástica.

Mesmo tendo elencado a categoria segurança física e proteção como importante no entendimento da QV, não encontramos nos depoimentos unidades que nos remetessem a estas questões. A ausência deste item também pode ser motivo de investigação, pois se pode pensar que, ao fazer parte deste grupo, as pessoas sintam-se corporalmente seguras ao realizar os movimentos e também ao solicitar auxílio aos outros membros do grupo.

Pudemos notar, de forma geral, que os aspectos relacionados a sentimentos positivos, auto-estima e relações sociais foram os mais presentes no discurso. Os praticantes de GG deste grupo importam-se muito mais com as relações pessoais, o ambiente descontraído e a auto-estima, do que conseguir realizar uma acrobacia ou outro movimento qualquer da ginástica. Isso demonstra que esta forma de GG está realmente focada nas relações humanas. Aspectos relacionados com a formação profissional também estiveram presentes, mas em nível menor que os citados anteriormente.

Iniciamos agora a análise dos dados obtidos com as observações dos grupos. Estas observações aconteceram em número de uma ou duas nos grupos pré-selecionados e a pesquisadora esteve no local da prática. Inicialmente, tínhamos 8 grupos diferentes para a visita e delimitamo-as em três visitas. Preparamos alguns tópicos a partir do questionário WHOQOL – 100, que deveriam ser observados. Escolhemos os seguintes itens de observação: aspectos ambientais, sociais, de segurança física e proteção, de cuidados com a saúde, aquisição de novas informações e habilidades e aspectos da imagem corporal e aparência física. Em cada um destes aspectos, decidimos por observar itens como: sonoridade, limpeza, relação entre as pessoas, aparência e segurança local, roupas, organização, *atmosfera local*.

Aspectos do ambiente foram apresentados em relação à presença ou não de sonoridade ou barulho, à limpeza local e à aparência estética. Estes itens podem demonstrar a preocupação com aspectos que aparentemente não influenciam na prática corporal, mas que são deveras importante na formação do indivíduo. Estar em um ambiente agradável, limpo e que o barulho não interfira, certamente pode propiciar uma melhoria na aula dada e recebida. O contrário, além de poder causar desgostos, pode causar danos aos alunos e professores.

Em todos os ambientes pudemos perceber que as relações sociais são freqüentes e importantes, sendo demonstradas pela relação entre os participantes. No grupo 1 e 2, os alunos

se cumprimentam, se auxiliam e isso torna o ambiente alegre e prazeroso. No grupo 3, os alunos conversam ao chegarem ao local da prática porém, por estarem juntos anteriormente não pudemos identificar isso no momento da aula de GG. Em relação aos auxílios, também pudemos notar esse acontecimento e com grande entusiasmo por parte dos envolvidos. Os ensinamentos, por parte dos integrantes, também estão sempre presentes e de forma adequada ou muito adequada.

Em nenhum grupo encontramos um ambiente muito adequado em relação à integridade física, pois em alguns, o chão é áspero e há outros materiais no local da aula que não fazem parte dela. As orientações para segurança são dadas em grupo e individualmente em alguns casos.

Sobre os cuidados com os machucados, não pudemos interpretar os acontecimentos, pois estes não ocorreram porém, no grupo 3 pudemos identificar que ao lado do pátio há uma enfermaria, nos levando a pensar que caso haja algum acidente, o aluno será encaminhado a este local.

Em todos os grupos não pudemos identificar uma característica corporal que definisse a maioria dos participantes. Encontramos diferentes pessoas, com diferentes vestimentas.

A escolha destes itens leva-nos a perceber que a presença ou a identificação de uma resposta no item adequado ou muito adequado podem mostrar que, no que se refere aos itens selecionados ao início da observação, há de forma pensada ou não, cuidados com aspectos que influenciam significativamente na qualidade de vida dos praticantes.

Praticar GG em um ambiente limpo, bonito, cuidado, com pessoas felizes e amigas, que se auxiliam, que trocam experiências, que se valorizam individualmente e cooperam coletivamente, certamente terá influência no grau de satisfação pessoal dos participantes, podendo modificar a percepção a respeito da QV dos alunos, e percebemos isso, tanto na análise dos questionários como nas visitas de observação.

Considerações finais

Iniciamos esta pesquisa com uma grande questão. Será que acreditamos que a ginástica geral é uma prática corporal que possa influenciar na percepção de qualidade de vida dos seus praticantes? Tínhamos o objetivo de responder esta questão fazendo uma primeira e possível aproximação entre estes dois universos distintos.

Em muitos momentos da nossa história, as práticas corporais são apresentadas como salvadoras à saúde do ser humano porém, alguns equívocos e muitas controvérsias estão presentes na maioria dos discursos a este respeito.

Conhecemos uma QV, proposta por Minayo et al (2000) que observa o ser humano como um todo, composto por aspectos de influência familiar, social, amorosa e ambiental e que em ser humano consegue efetuar sínteses necessárias às escolhas no mundo. Uma QV preocupada e ocupada com as experiências individuais e coletivas, com os conhecimentos trocados e com os valores sociais e culturais. Uma QV que não quer ser algo fechado e delimitado, mas que sofre influências de acordo com a cultura na qual está inserida. Uma QV que certamente irá diferir entre povos, classes sociais e momentos históricos.

Uma QV aberta a diálogos corporais e, para estes, escolhemos a GG por acreditarmos que esta pode sim ser uma prática corporal que amplia sua visão, diferente das especificações e especializações da maioria das práticas corporais esportivizadas.

Quando optamos por uma GG que possibilita a troca de experiência, valoriza o indivíduo, propicia um ambiente alegre e saudável para os treinos, resumindo, que esteja focada na formação humana de seus praticantes, estamos abrindo a possibilidade dessa conversa com a QV. Uma GG que tem o foco no participante e em diferentes contextos. A aproximação da QV à GG é possível, vimos isto na apresentação de seus conceitos e das suas práticas e repostas. A QV nos traz conceitos úteis para pensarmos e refletirmos ao ensinarmos qualquer prática corporal porém, com a GG, a abertura já pode existir devido à sua característica ampliada e não fechada.

É possível dizer que a GG pode influenciar na percepção de QV de seus praticantes por vários motivos apresentados durante o texto, porém, há variáveis não controláveis como é o caso do professor ministrante da atividade. Este, dependendo de suas escolhas ideológicas, optará pelo tipo de GG que ensinará.

Outro aspecto bastante relevante para a elaboração desta pesquisa foi o conhecimento profundo da pesquisadora em relação ao objeto pesquisado GG, pois sendo a QV “uma noção eminentemente humana” (MINAYO et al, 2000, p.8), ela vai diferir entre as pessoas.

Ao debruçar-se sobre o objeto, encontram-se peculiaridades que podem ser melhor interpretadas e até mesmo encontradas, quando o pesquisador tem essa formação prévia.

Vimos que o grau de satisfação pessoal e social apresentada nos questionários também comprova a relação direta entre os objetos da pesquisa. Sendo assim, nota-se que a opção por analisar os depoimentos de Souza (1997), juntamente com as observações aos grupos, foram de certa forma complementares e nos mostraram os locais de diálogo entre a QV e a GG.

Acredita-se, portanto, que informações e formações voltadas ao coletivo, valorizando o indivíduo, tanto na área da QV, quanto na área corporal, em específico na GG, podem influenciar positivamente na vida, de forma geral, dos indivíduos. A QV pode, sem dúvida nenhuma, encontrar na GG uma companheira fiel e que corrobora dos mesmos ideais e princípios.

Referências

ACADEMIA ADOS. Concepto de Educación Física: evolución y desarrollo de los distintos conceptos. Disponível em: < <http://www4.ujaen.es/~lzagalaz/private/Tema%201.pdf>>. Acessado em 11 set 2007.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. O conceito de saúde: ponto-cego da epidemiologia? In: Revista Brasileira de Epidemiologia. São Paulo. v. 3, n. 1-3, p.4-20. abr./dez. 2000. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2000000100002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 09 Fev. 2008.

AYOUB, Eliana. Ginástica Geral e Educação Física Escolar. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003

BIREME, Biblioteca Virtual em Saúde. Terminologia DeCS/MeSH. Disponível em: http://www.bireme.br/php/decsws.php?tree_id=E05.318.308.250&lang=pt. Acessado em 08 de Fev. 2008.

BOTO, René González; MAYOR, Eduardo Madrera ; DEL VALLE, Alfonso Salguero. Las escuelas gimnásticas y su relación con la actividad física y educación física actuales. In: **EF y Deportes. Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, nº 73, (Junho). 2004. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd73/gimn.htm>>. Acessado em: 11 set. 2007.

BOWLING Ann; BRAZIER, John. Quality of life in social science and medicine - Introduction. In: **Social Science and Medicine**. v. 41, n. 10, 1337-1338. Nov.1995. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_toctkey=%23TOC%235925%231995%23999589989%23171938%23FLP%23&_cdi=5925&_pubType=J&view=c&_auth=y&_acct=C000050221&_version=1&_urlVersion=0&_userid=10&md5=661a16c6c478f81189982b93d923f37b. Acesso em 18 Fev. 2007.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Agenda 21. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18> . Acessado em 03 de Agosto de 2008.

BROHM, J. M. **Sociología política del deporte**. Ciudad del México, Fondo de Cultura Econômica. 1982.

CARVALHO, Yara Maria de. Educação Física e Filosofia. CARVALHO, Y. M.: RUBIO, K. (orgs.) **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo, Sp: Hucitec, 2001.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. (8ª ed). Campinas, SP: Papirus, 1994.

FARQUHAR, M. Definitions of quality of life: a taxonomy. In: **Journal Advanced Nursing** 22, 502-508.1995.

FEDERICCI, Conrado. **De palhaço e clown** – que trata de algumas das origens e permanências do ofício cômico e mais outras coisas de muito gosto e passatempo. 2004. 93f. Mestrado em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2004.

FERRERIA, Christiane Alves; LOUREIRO, Carlos Alfredo; ARAÚJO, Vânia Eloísa Araújo. Propriedades psicométricas de indicador subjetivo aplicado em crianças. In: **Revista de Saúde Pública. São Paulo**, v. 38, n. 3, p445-452, jun 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n3/20663.pdf> Acessado em 08 de Fev 2008.

FIORIN, Cristiane Montozo. **A ginástica em Campinas: suas formas de expressão da década de 20 a década de 70**. 2002. 173f. Mestrado em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas:2002.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**. V.21, n.1, p. 19-28, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644461999000100006&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 03 de Jul de 2007.

_____. Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida “WHOQOL-bref”. In: **Revista Saúde Pública**. São Paulo. V.34, n.2, p.178-183, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102000000200012&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 03 Jul.2007.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. PRONI, M. W.; LUCENA, R.F. (orgs.) **Esporte história e sociedade**. Campinas, Sp: Autores Associados, 2002.

GOMBRICH, Ernest H. **A história da arte**. Rio de Janeiro, RJ: Livros técnicos e científicos editora S.A., 1999.

GONÇALVES, Aguinaldo; VILARTA, Roberto. Qualidade de vida: identidades e indicadores. GONÇALVES, A.; VILARTA, R. (orgs.). **Qualidade de vida e atividade física: explorando teorias e práticas**. Barueri, SP: Manole, 2004.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. Lazer e Prazer: questões preliminares. BRUHNS, H.; GUTIERREZ, G. (orgs.). **O Corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

_____. **Lazer e Prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. Aspectos organizacionais e lúdicos da qualidade de vida: abordagem multidisciplinar. GONÇALVES, A.; VILARTA, R. (orgs.). **Qualidade de vida e atividade física: explorando teorias e práticas**. Barueri, SP: Manole, 2004.

HOBBSAWN, Eric. “A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914” HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1984.

LANGLADE, Alberto; Nelly R. **Teoria General de la Gimnasia**. Buenos Aires: Editora Stadium, 1982

LAURENTI, Ruy. A mensuração da Qualidade de Vida. In: **Revista da Associação Médica Brasileira**. São Paulo. v. 49, n.4, p. 01-02, 2003. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302003000400021>. Acesso em: 21 Fev.2007.

LOVISOLO, Hugo. Prolongar a vida: didática e fisiologia. LOVISOLO, H. (org.) **Atividade física, educação e saúde**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 2000.

_____. Atividade física e saúde: uma agenda sociológica. MOREIRA, W.W. (org) **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba, SP: editora da UNIMEP, 2002.

MATURANA, H.; DE REZEPA, S. N. **Formación humana y capacitación**. Santiago: Dólmén, 1995.

MILLÁN, Teresa de los Ángeles Soriano. Concepto de Educación Física. Evolución y desarrollo de las distintas concepciones. (2005) Disponível em: < www.efydep.com.ar/de_interes/historia_ef.doc>. Acessado em: 11 set 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. In: **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 5, n. 1, p. 07-18, 2000. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 Fev. 2007.

MOREIRA, Wagner Wey. Qualidade de vida: como enfrentar esse desafio? MOREIRA, W. W. (org). **Qualidade de Vida: complexidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

NOLTE, Claire E. **The Sokol in the Czech Lands to 1914, training for the nation**. Nova York.

ONSA, Instituto Nacional de Saúde de Portugal. Disponível em: <http://www.insarj.pt> Acessado em 08 de Fev 2008.

PAOLIELLO, Elizabeth. Nos bastidores da Ginástica Geral: o significado da prática. PAOLIELLO, E. (org.). **Ginástica Geral: experiências e reflexões**. São Paulo, SP: Phorte, 2008.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sérgio; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. La experiencia del Grupo Ginástico Unicamp em Dinamarca. Anais do Congresso Latino Americano – ICHPERSD. Foz do Iguaçu, PR,1995.

PRONI, Marcelo. Brohm e a organização capitalista do esporte. PRONI, M.; LUCENA, R. (orgs). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RAMOS, J.J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: IBRASA, 1982.

ROBLE, Odilon José. A Ginástica Geral como foco expressivo. FORUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 2001, Campinas/SP. Anais do Fórum Internacional de Ginástica Geral. Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

_____. A Ginástica Geral e os falsos modelos. II FORUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 2003, Campinas/SP. Anais do II Fórum Internacional de Ginástica Geral. Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2003.

ROCHA, Alby Duarte; OKABE, Irene; MARTINS, Marcelo Edmundo Alves et al. Qualidade de Vida, ponto de partida ou resultado final? In: **Ciências e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2000. Disponível em: Acessado em 08 de Fev.2008.

ROUBAL, Petr. Politics of Gymnastics: mass Gymnastic displays under communism in Central and Eastern Europe. In: **Body & Society**, v.9, n.2, p.1-25, 2003.

SANTOS, J.F. **O que é pós-moderno**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2000.

SEADE. **IPRS Consolidação e Aperfeiçoamento**. Disponível em <<http://www.seade.gov.br/produtos/iprs/>>. Acesso em 21 Fev.2007.

SEIDL, Eliane Maria Fleury; ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. In: **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.20, n. 2, p. 580-588, mar./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000200027&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 18 Fev. 2007.

SLIWIANY, R.M. **Sociometria – Como avaliar a qualidade de vida e projetos sociais**. Petrópolis:RJ, Editora Vozes, 1997.

SOARES, Antonio Jorge Soares. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. *Futbologias. Futbol, identidades e violência em América Latina*. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/alabarces/PII-Soares.pdf>. Acessado em 11 de março de 2008.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

_____. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **Ginástica Geral: uma área de conhecimento da Educação Física**. 1997. 163f. (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas:1997.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. GALLARDO, Jorge Sérgio Perez. Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno. GALLARDO, J. S. P. et al. **Coletânea Encontro de Ginástica Geral, 1, Campinas 1996**. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. In: **Social Science & Medicine** v. 41, n. 10, p. 1403-1409, Nov. 1995. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_tockey=%23TOC%235925%231995%23999589989%23171938%23FLP%23&_cdi=5925&_pubType=J&view=c&_auth=y&_a_cct=C000049648&_version=1&_urlVersion=0&_userid=972058&md5=b9875b13a3d478a8792f3ab218c1cfa7>. Acessado em 21 Fev.2007.

TIBEAU, Cynthia C. Pasqua Mayer. Diferentes olhares sobre a Ginástica Geral. FORUM BRASILEIRO DE GINÁSTICA GERAL, 1999, Campinas/SP. Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral. Campinas: UNICAMP: SESC, 2000.

TOLEDO, Eliana de. **Proposta de conteúdos para a ginástica escolar:** um paralelo com a teoria de Coll. 1999. (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas:1999.

UN, United Nations. Development and International Economic Co-Operation: Environment. Reporto of the World Commission on Environment and Development 1987. Disponível em: <http://daccessdds.un.org/doc/UNDOC/GEN/N87/184/67/IMG/N8718467.PDF?OpenElement>. Acessado em 07 de fevereiro de 2008.